

## Errata

- p.2 - algumas pesquisas que com : retirar o ' que '
- p.4 - graduação superior : retirar ' superior '
- p.7 - torna-se mais mais : retirar 'mais'
- p.12 - em lugar de formam matrilocais : leia-se ' foram '
- p.13 - em lugar de com antecedente : leia-se ' como '
- p.14 - em lugar de consuma de grupo: leia-se ' consumo '
- p.16 - plantio de além : retirar o ' de '
- p.17- trona possível : leia-se ' torna '
- toas as outras : leia-se 'todas '
- p.18 - nema ela : leia-se ' nem a '
- p.22 - absoluto do homem : leia-se 'ao homem '
- p.23 - fingiam à regra : leia-se ' fugiam '
- patriarcal brasileiras : leia-se 'brasileira '
- p.27- , pis, quando : leia-se 'pois '
- p.32 - apara quais : leia-se 'para '
- a ato, altamente aceito : leia-se 'fato '
- queixa-se dessa : leia-se ' queixam '
- p.33- na média em : leia-se ' medida '
- p.35 - das metalúrgicas : leia-se ' metalúrgicas '
- p. 38 - outras ( \_\_\_\_ ) onde as : acrescentar ' alternativas'
- p.39 - destacar, dentre outras : retirar 'dentre outras'
- p.44- nervosíssimo : leia-se 'nervosismo'
- p.45 - com conseqüência : leia-se 'como '
- p.63 - processo enontra-se : leia-se ' encontra '
- p. 69 - no final do terceiro parágrafo retirar: ' em decorrência do aprofundamento da teoria e do repensar a prática. '

VILMA APARECIDA FRANCO DE SOUZA TONELOTO

MULHERES DE MEIA-IDADE QUE FREQUËNTAM A UNIVERSIDADE

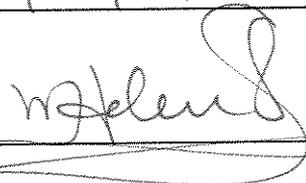
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
-1998 -

VILMA APARECIDA FRANCO DE SOUZA TONELOTO

MULHERES DE MEIA-IDADE QUE FREQUENTAM A UNIVERSIDADE

Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida por  
Vilma Aparecida Franco de Souza Toneloto  
e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 10/12/98

Assinatura: 

9908610



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	T 612m
V.	Ex.
	37255
	229,99
	<input type="checkbox"/>
	<input checked="" type="checkbox"/>
	R\$ 11,00
	08/04/99
N.º DPD	

CM-00121919-5

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

T612m

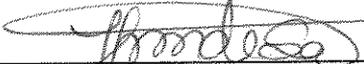
Toneloto, Vilma Aparecida Franco de Souza.  
Mulheres de meia-idade que frequentam a universidade / Vilma  
Aparecida Franco de Souza Toneloto. -- Campinas, SP : [s.n.],  
1998.

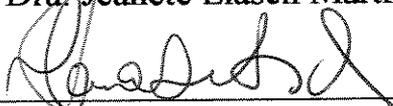
Orientador : Maria Helena Salgado Bagnato.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Faculdade de Educação.

1. Mulheres. 2. Meia-idade. 3. Educação. 4. Trabalho.  
I. Bagnato, Maria Helena Salgado. II. Universidade Estadual  
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Dissertação apresentada, como exigência parcial para  
obtenção de Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na  
Área de Concentração: METODOLOGIA DO ENSINO,  
à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação  
da Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Salgado Bagnato.

Comissão Julgadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jeanete Liasch Martins De Sá.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mara Regina Lemes De Sordi

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato

“Sempre que penso nas mulheres me vem a imagem de um rio enorme e caudaloso que temos que atravessar. Umas, apenas molham os pés e desistem. Outras, nadam até a metade e voltam, temendo que lhes falem as forças. Mas há aquelas que resolvem alcançar a outra margem, custe o que custar. Nos embates da travessia vão largando pedaços delas mesmas. E pode parecer aos outros que do lado de lá vai chegar um trapo humano, uma mulher esfaçalhada, mas não. O que ficou pelo meio do caminho é tão somente a pele velha. Então chega na outra margem Uma Nova Mulher. Eu me sinto uma dessas mulheres...”

Zuleica Alambert

## Agradecimentos

Uma Dissertação de Mestrado em geral é um processo solitário. No entanto, as dissertações não nascem sozinhas. Durante o tempo dedicado a este trabalho desfrutei e admirei os talentos de algumas pessoas, às quais agradeço de modo especial :

À Professora Doutora Maria Helena Salgado Bagnato pelos ensinamentos, orientação e atenção a mim dedicados.

À Carmen Elisa Tapia Villalobos pelo estímulo e presença amiga ao longo do curso.

À Célia Emília Moreira pela amizade e bom-humor durante os momentos mais difíceis do caminho.

À Janet Draganoff Torres, amiga do coração, que mesmo distante se fez presente na revisão do texto.

Ao frei Luís Carlos do Nascimento, O.F.M., pela amizade que é graça.

À Bianca Bacarelli Savariego, bibliotecária e amiga, sempre solícita e gentil.

À Dóris Alves da Silva por sua amizade e atenção.

Às mulheres de meia-idade, alunas da graduação da PUCCAMP, por compartilharem comigo seus sentimentos durante as entrevistas realizadas.

Quero agradecer também a Sonia Teixeira Roque e ao Carlos Angelo Panini pelas tardes acolhedoras, “de sonhos e de chá”, tantas vezes compartilhadas em nossas casas.

À Capes pelo apoio financeiro recebido durante o decorrer deste estudo.

Finalmente, sou profundamente grata aos membros de minha família que celebraram comigo a conclusão de cada etapa deste estudo, em especial a meu marido José Alceu por seu companheirismo e generosidade, e meus filhos Carolina, Eduardo e Jeronimo pelo carinho e compreensão. Muito obrigada, pois na maior parte das vezes recebi mais do que pude dar.

Este estudo é dedicado à Lobelia, minha irmã, que, aos quarenta e um anos, deu-nos Maria Beatriz e a meus pais, Dilce e Carlos, pelo apoio amoroso e constante interesse por meu trabalho. Com vocês aprendi a amar a Vida !

# SUMÁRIO

Resumo ----- X

INTRODUÇÃO ----- 1

## CAPÍTULO 1.

Recontando a História----- 12

1.1- A Mulher e a Família ----- 17

1.2- A Mulher e a Família Brasileira ----- 21

1.3- A Mulher e o Trabalho ----- 25

1.4- A Mulher e as Máquinas ----- 36

1.5- A Mulher e a Meia-Idade ----- 38

## CAPÍTULO 2

O Percorso Metodológico ----- 50

2.1- Os Sujeitos da Pesquisa ----- 58

## CAPÍTULO 3

Análise e discussão dos dados-----	63
a - Das possibilidades de freqüentar um curso de graduação --	63
b - Conflitos e desafios vivenciados -----	68
c - De como um desafio leva a outro -----	76
4- Considerações Finais -----	81
5- Referências Bibliográficas -----	86
6- Anexo -----	96
Memorial -----	97

## Resumo

Neste trabalho propomo-nos a mostrar as dificuldades e os desafio que as mulheres têm ao freqüentar a graduação, quando esta é feita durante a meia-idade.

Para isto utilizamos a metodologia da pesquisa qualitativa, através dos relatos orais, obtendo nossas informações e impressões por meio das entrevistas.

Os sujeitos que fizeram parte deste estudo são procedentes dos cursos de Pedagogia e Enfermagem de uma universidade privada de Campinas.

Ao dar voz e vez às mulheres de meia-idade que estão se graduando pretendeu-se trazer à tona, não somente as escolhas que se fazem necessárias nesta fase da vida, mas compreender os motivos que as levaram a estas escolhas.

Este estudo mostrou que a freqüência a universidade traz uma resignificação ao cotidiano destas mulheres, marcando diferentemente as diversas dimensões de suas vidas.

## Introdução

O tema de nossa dissertação é: “Mulheres de Meia-Idade que Frequentam À Universidade.”

Ao elegermos a mulher de meia-idade como tema central deste trabalho queremos compreender quais os motivos que a levaram a definir-se por esse caminho, o do retorno à universidade, nessa fase da vida .

A meia-idade é definida arbitrariamente, isto é, podemos considerá-la como o fez Kuhlen-Johson, entre trinta e cinco e cinquenta e quatro anos, ou dar-lhe contornos entre os quarenta e cinquenta e cinco anos, como o fez Camerom. ( apud CARMO, 1989 ).

Para o estudo apresentado, consideramos o universo onde foi realizada a pesquisa tendo como limites a faixa etária mínima de 35 anos, e a máxima de 55 anos. São mulheres que já têm um situação definida, o que não implica em ser definitiva, em seu curso de vida, quer no aspecto biológico, social ou afetivo.

O estudo estará centrado nas mulheres que estão estudando nas áreas de Enfermagem e Pedagogia. A opção pelos cursos de Enfermagem e Pedagogia está fundamentada em estudos anteriores como os de ROSEMBERG (1994) e CARDOSO (1981) que colocam em evidência a existência de carreiras femininas e masculinas.

“ (...) neste processo, a mulher tende a ocupar, mesmo que lhes sejam abertas as portas da escola, verdadeiros ‘guetos’ de áreas de estudo que as destinam a outros tantos guetos profissionais, nos quais serão sempre menos remuneradas que os homens e mais subalternas, conseqüentemente. (CARDOSO, 1980 : 44).

Portanto, nosso campo de pesquisa era pertinente ao universo que elegemos como representativo nesse estudo. A opção pela PUCCAMP deveu-se ao fato de ser essa uma instituição de ensino privado, o que atende aos

anseios do alunos que a procuram seja para a aquisição de conhecimentos visando inserção no mercado de trabalho, seja como uma possibilidade de mobilidade social, o que vem a ser confirmado por TAPIA (1993 : 44):

“ A crença na mobilidade social através do processo educacional é o que traz estes alunos para o ensino superior privado, visto que não pretendem produzir conhecimento originais ou questionar os já adquiridos ou acumulados, mas a procura da apropriação imediata de informações transmitidas pelo sistema de ensino para a sua utilização em seus locais de trabalho. Via de regra, o ensino privado é freqüentado por alunos de classes sociais mais populares, os quais, na sua maioria, acreditam que precisam de título para ‘poder ser alguém na vida’, que vêem na profissão uma forma de ascensão e que chegam à instituição com um conjunto de crenças messiânicas sobre a educação, produto de um longo inculcamento familiar. Este predominante ‘ethos’ profissionalizante dos alunos, esta busca de promoção através da profissão, ajusta-se ao perfil da escola privada.”

A opção pelos cursos mencionados foi feita levando em conta que a maioria dos profissionais que estão trabalhando nessa área são mulheres, e isso não ocorre simplesmente por “acaso”, uma vez que a expansão do ensino superior brasileiro ocorreu entre os anos 70 e 80 e nesse período foi marcante o acesso feminino aos cursos universitários. Entretanto, esse acesso era feito via ‘carreiras femininas’, o que determinou o início de algumas pesquisas que com o intuito de compreender esse processo de escolha. Dentre essas pesquisas encontramos que :

“ Lewin (1977) construiu uma tipologia da preferências educacionais, para a qual estabeleceu uma escala de feminização a partir das percentagens de escolhas femininas (carreiras femininas, carreiras mistas, carreiras masculinas). Analisando a distribuição das matrículas entre 1973 a 1977, conclui que o acesso mais intenso de mulheres ao ensino superior se deu nas carreiras femininas, acentuando a estrutura de carreira estratificada por sexo.”  
(ROSEMBERG, 1994 : 48)

Essa situação pode ser considerada como representativa de seqüelas da história do nosso Brasil, onde, segundo CARDOSO ( 1981), nos séculos XVI e XVII, as mulheres que aqui viviam não falavam sequer o português, e sim a língua dos índios. E, ainda no século XVII, há registros de que somente duas mulheres sabiam escrever seus nomes, sendo uma delas holandesa e outra baiana. Então, até que as mulheres conquistassem o direito de freqüentar cursos superiores no Brasil, passaram-se quase três séculos. O ingresso da primeira mulher no ensino superior brasileiro data de 1881, ou seja, do século XIX.

“Até 1930, as mulheres não eram absolutamente significativas no ensino superior brasileiro. Elas continuavam a arcar com os pensamentos correntes, de que deveriam ser só dona-de-casa, mãe de família e ‘boa esposa’”. ( CARDOSO, 1981 : 22 )

Então, somente em 1939, as alunas do Curso Normal tiveram “direito” ao acesso a alguns cursos superiores. Entre eles estavam os de Pedagogia, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas, Letras Clássicas, Geografia e História.

“Assim, a mulher dava um pequeníssimo passo: da professora de escola primária a professora de escola de nível médio. Não estamos desprezando a profissão do magistério; ao contrário, estamos apenas salientando que essas profissões ficaram tradicionalmente para as mulheres e sempre foram as mais desprezadas, no País. Assim, fica pré-determinado o lugar onde a mulher vai trabalhar, mesmo que ela não manifeste sua vocação para isso.”  
( CARDOSO, 1981 : 22 )

No que diz respeito à Enfermagem no Brasil, a criação da primeira Escola de Enfermagem no Rio de Janeiro data de 1923. Antes disso essa prática era exercida por pessoas com pouca ou nenhuma qualificação profissional, e em grande maioria mulheres. Então, ao redor do profissional da enfermagem foram sendo constelados atributos femininos, ou seja, cuidar, alimentar, auxiliar e oferecer amor e carinho.

“... a ideologia da enfermagem, desde sua origem e, em particular, a de Ana Neri, para os brasileiros, significa: abnegação, obediência, dedicação. Isto marcou profundamente a profissão de Enfermagem - o enfermeiro tem que ser alguém disciplinado e obediente. Alguém que não exerça a crítica social, porém console e socorra as vítimas da sociedade.

( Germano, 1984 apud NASCIMENTO, 1996 : 42 )

Diante deste contexto, pensamos ser um grande passo, este, que é dado pelas mulheres quando retomam ou iniciam os estudos universitários durante a meia-idade.

Assim, os objetivos deste trabalhos foram sendo gestados e ganharam as formas que se seguem:

a) verificar quais foram os motivos que levaram a mulher de meia-idade freqüentar a universidade ;

b) identificar junto a essa mulher de meia-idade que freqüenta a graduação superior, quais os limites e quais as possibilidades que lhes são colocadas seja pela academia, seja pela família, ou pela sociedade.

São essas mulheres que estão na meia-idade que vivenciam no corpo as mudanças biológicas que ocorrem nesse período da vida, conhecidas como climatério e menopausa. Embora sejam muitos os fatores que interagem e possibilitam o desenvolvimento do adulto, destacamos conforme NERI:

“Dentre eles, os biológicos (que) forneceriam o pano de fundo, os limites, a direção e o ritmo geral do desenvolvimento, correndo o restante por conta da multideterminação de fatores psicológicos e socioculturais.”  
(1993 : 37 )

Essas mulheres poderiam estar ressignificando todo um contexto de vida vivido anteriormente. Tal motivo, agindo como antecedente para esse movimento, ajudar-nos-ia a compreender melhor o modo de ser feminino.

Inquietações surgem quando lembramos que há pouco mais de 150 anos atrás as mulheres usavam espartilhos, uma peça do vestuário feminino que acinturava o corpo utilizando cordões e barbatanas, o que as impedia de

respirar livremente. Não só o espartilho provocava essa dificuldade de movimentos, mas também os vestidos femininos.

“Vestidos de mulheres sempre são talhados de maneira a promoverem passividade, transformando o corpo da mulher em objeto apresentável, ao invés de meio para auto-realização. (...) Por isso as reformadoras feministas do Século XIX não estavam erradas, apesar das ondas de ridicularização com as quais foram recebidos seus esforços, quando insistiam que a reforma da moda feminina seria básica para a emancipação da mulher.”  
(RUETHER, 1996: 69)

O que ela ganhava em beleza, acabava perdendo em saúde, e também em espiritualidade, isto se atentarmos para GAIARSA (1994) que nos ensina que o tórax é a morada do espírito; assim, ao apertar a cintura, há o comprometimento dos movimentos respiratórios e portanto, da respiração. Era uma espécie de tributo pago pelas mulheres da época que também incluía o comprometimento da movimentação corporal e da independência necessária para a auto-realização.

Seria factível, para nossos dias, pensarmos que essas mulheres estariam então tendo como meta a alcançar algo também valorizado nos dias de hoje e que poderia estar ao seu alcance através da graduação.

Segundo Erikson, existem períodos onde o ganho de uma determinada qualidade implica em perda de outra e isto, sem dúvida, acaba gerando medo e ansiedade. (apud NERI, 1993). Desse modo, uma das opções de ganho, nessa faixa etária, poderia ser o da aquisição do conhecimento acadêmico, que reverteria em condições melhores de trabalho e, também, em possibilidade de ascensão social.

Assim, as mulheres que freqüentam à universidade na meia-idade vêm-se às voltas com a reestruturação do seu tempo disponível. Submetem-se a outra jornada em seu cotidiano já organizado, pois provavelmente elas já esquematizaram e colocaram em funcionamento os seus horários de trabalho, os dos filhos e o do marido, não necessariamente listados nesta ordem.

Existem, ainda, aquelas que fazem da universidade, nesse período da

vida, o maior dos sonhos e por isso mesmo, dispõem-se a superar o cansaço físico que as acomete dentro da sala de aula, e os outros desafios que lhes são colocados, até como uma forma de valorização maior do momento vivido. Elas permanecem fiéis aos seus sonhos e ao objetivo final, a graduação em nível superior, ainda que isso represente sacrifícios.

No entanto, “ A própria luta para atingir os píncaros basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo<sup>1</sup> feliz”, ao menos um instante, pois voltar à universidade nessa fase da vida é trabalho de herói (na).

A jornada acadêmica poderá parecer difícil ‘a priori’, mas poderá ser um momento de libertação, uma vez que poderá envolver o ressignificar de conceitos que permearam a vida delas até esse momento. E, quando escolhermos a libertação queremos dar à palavra o significado dado a ela por BOFF, (1997b:23): “Libertação significa a ação que liberta a liberdade cativa ” . Ou seja, é da ação que depende a possibilidade de ruptura com o já vivido e a mudança possível daí advém.

Lembramos que a experiência pessoal da pesquisadora foi significativa para a escolha da temática deste trabalho. A pesquisadora retornou à universidade por volta dos quarenta anos, para iniciar um curso de psicopedagogia. Esse reencontro formal com o estudo deu-lhe um novo ânimo para sonhar o sonho da produção acadêmica, deixado de lado por mais de vinte anos. Desse contato com a universidade , a pesquisadora revisitou o ensino superior, e sentiu a necessidade de aceitar o desafio de continuar a seguir as pistas que a conduzissem em sua compreensão das mulheres de meia-idade.

Então, começamos a procurá-las para que pudessem nortear nossos primeiros passos neste caminho. Estas pistas vieram sob a forma da revisão bibliográfica, que é composta em grande parte por autoras e por alguns autores que tratam do tema .

Assim, esta caminhada nos levou a visualizar a importância deste trabalho objetivando atender dois aspectos:

---

<sup>1</sup>Sísifo - herói mitológico condenado a mover um enorme rochedo até o cume de uma montanha. Ao conseguir atingir o objetivo o rochedo rola a encosta abaixo e ele deve recomeçar tudo de novo.

a) a possibilidade de dar voz e vez às mulheres e subverter a ordem preestabelecida há tão longo tempo, onde mulheres são, na grande maioria das vezes, coadjuvantes no cenário social;

b) a reflexão sobre esse movimento de frequentar os estudos de graduação durante a meia-idade poderá nos conduzir a algumas propostas dentro mesmo dos cursos de graduação que contemplem esse segmento, cujo crescimento torna-se cada vez mais mais substancial nas universidades. Essas mulheres, em breve espaço de tempo, serão profissionais com um perfil diferenciado também pela experiência de vida já vivida, e estarão tentando melhores inserções seja no cenário social, seja no mercado de trabalho.

O que fica implícito, então, é que pode haver uma tendência para abrir maior espaço de ação para a atuação das mulheres.

“Reside exatamente aí o efeito da mudança, pois que, ampliando-se a arena de participação real, os interesses femininos ganham espaços de representação.  
( FRANCHETO, 1981 : 43 )

A abordagem utilizada neste trabalho é a sócio-histórica uma vez que o objeto deste estudo é histórico e vive num determinado espaço, cuja configuração e formação social são específicos. Em outras palavras:

“ cada ator social se caracteriza por sua participação, no seu tempo histórico, num certo número de grupos sociais, informa sobre uma subcultura que lhe é específica e tem relações diferenciadas com a cultura dominante. ”  
( MINAYO, 1996 : 113 )

Neste caminhar, valemo-nos de trabalhos já realizados por estudiosas e estudiosos do assunto, alguns de outros países, mas a maioria deles de pesquisadoras brasileiras. Alertamos que a escolha de autoras em sua grande maioria deveu-se, em parte, ao fato de que são as mulheres mesmas quem mais se interessam pela temática feminina. Sinal de que os tempos só mudam na

medida em que as mulheres percebem que também ocupam lugar no espaço social e então... os ocupam efetivamente.

Autoras brasileiras como CHAUI (1985), SAFFIOTI (1994, 1981, 1979), MURARO (1995) foram buscadas para nos darem o suporte teórico que explicitam as relações da mulher na sociedade, sejam essas relações referentes ao trabalho, à família, ou às relações de gênero, entre outras.

Também buscamos as pesquisas que dessem relevância a temática feminina, e encontramos em CARMO (1989) os aspectos psicológicos de mulheres universitárias na meia-idade. Nesse estudo, a pesquisadora teve como objetivo a caracterização, as repercussões e os problemas da meia-idade feminina sob o enfoque da psicologia do adulto. Ao final ela traz algumas considerações sobre as mulheres de meia-idade:

“ Seus horizontes sociais e objetivos são complexos e não se concentram apenas no casamento e na educação de filhos. Seus principais valores referem-se à segurança da família e justiça social, ao lado de outros de natureza pessoal, tais como harmonia interna, sabedoria, amor maduro, crescimento pessoal e respeito por si mesma.” ( CARMO, 1989 : 143 )

Ainda dentro do contexto desse trabalho, a autora citada acima, chama nos a atenção para o seguinte:

“A mulheres, de modo geral, gostariam de modificar a rotina diária de suas vidas, diminuindo suas atividades relacionadas ao trabalho doméstico e fora do lar, aumentando o tempo de dedicação a si mesmas, ao parceiro e de ajuda a outras pessoas.” ( op.cit.: 146 )

Em FARIA (1995) encontramos a temática feminina vista sob o enfoque da Saúde Pública e, desse ponto de vista, o trabalho privilegia as mulheres de meia-idade e o atendimento médico a elas dispensados nos serviços públicos de saúde. A pesquisadora indica algumas questões básicas como as queixas que são trazidas aos consultórios médicos e são vistas descoladas do contexto sociocultural vivenciado por essas mulheres; isso tem como resultante perversa um atendimento médico que se atém aos sintomas

relatados, indicando apenas uma medicação que sane os efeitos ficando a causa sem solução. Fica claro que o atendimento médico à mulher de meia-idade está a exigir uma forma holística de tratamento, uma vez que o período de vida compreendido na meia-idade é repleto de transformações que englobam desde perda de feminilidade, incidência de doenças crônicas, elevado risco de câncer e alterações hormonais. A autora entende que muito ainda precisa ser feito visto que : “Perceber e tratar de forma holística não é tradição no atendimento à mulher climatérica.” ( FARIA, 1995 : 103)

Neste nosso estudo apresentamos uma introdução inicial onde tornamos explícitos os motivos de nossa escolha por esta temática, os objetivos do trabalho, sua relevância e alguns pressupostos teóricos que sustentarão nossas análises.

No capítulo I, encontramos a história dos primeiros grupamentos humanos e de como as relações entre mulher e homem vão se transformando ao longo do tempo. Veremos os primeiros grupos humanos serem organizados ao redor da mulher, pois é a ela que couberam as relações mais intrínsecas com a manutenção da vida, até então envolvida em mistérios, desde a geração e o nascimento das crianças, até os aspectos de cultivo dos grãos de alimentos. Mudanças importantes tomaram maior consistência através do advento da agricultura masculina em substituição a horticultura feminina e então, a partir daí, muita coisa mudou. É isso que MURARO (1996:13) quer dizer quando, provocativamente, nos coloca: “No principio era a Mãe. O Verbo veio muito tempo depois, em épocas bem mais recentes.”

Também estaremos privilegiando um olhar para as condições da mulher na família, com especial atenção ao que diz respeito à família brasileira onde, na maioria das vezes , cabe a ela a responsabilidade pela criação dos filhos, pela reposição diária da força de trabalho do trabalhador, e onde desempenha papel relevante, seja na perpetuação da ideologia de submissão, seja no direcionamento das necessidades de consumo. E, como falar em família nos traz a necessidade de falarmos sobre o trabalho, fatores que sempre mantiveram estreita relação entre si desde tempos antigos, estaremos mostrando em quais condições o trabalho feminino é desenvolvido: o trabalho

doméstico é desqualificado, não tem nenhum reconhecimento, muitas vezes nem por parte da própria mulher; o trabalho das operárias das indústrias, onde a mão-de-obra feminina é reconhecidamente mais barata, e é destinada aos trabalhos mais rotineiros e repetitivos, portanto sem possibilidade alguma de criatividade; a trabalhadora rural, que ainda trabalha num sistema de economia familiar e não tem acesso ao mínimo conforto necessário, pois ainda existem lugares onde água encanada ainda é só uma reivindicação.

A meia-idade ganha, então, um espaço importante ao ressignificar toda uma trajetória de vida já vivida por essas mulheres, do ponto de vista pessoal, histórico e social do já experienciado.

No capítulo II apresentamos a metodologia escolhida, que é a da pesquisa qualitativa, que ganhará espaço para que possamos nos sustentar e fundamentar na condução da temática.

No capítulo III - serão apresentadas a discussão e análise dos dados e estaremos entrando em contato com as falas das entrevistadas, contextualizando-as, analisando-as à luz do referencial teórico utilizado e considerando os objetivos propostos no trabalho. Também apresentaremos as categorias desenvolvidas.

No capítulo IV - apresentaremos as considerações finais uma vez que este estudo trabalha com totalidades parciais da realidade, tendo, portanto, um desfecho provisório.



## CAPÍTULO 1

As duas faces de Eva  
A bela e a fera  
Um certo sorriso  
De quem nada quer.



# Capítulo 1

## Recontando a História

Durante o longo tempo que nos separa do primeiro Homo Sapiens que surgiu na Terra, muita coisa mudou. Dentre as mudanças fundamentais estão aquelas vivenciadas pelas mulheres durante esses longos anos juntamente com a outra metade da humanidade: os homens.

Para os primeiros grupamentos humanos a mulher sozinha era capaz de gerar a vida humana, isto é, a maternidade desde épocas remotíssimas sempre deixou em evidência a característica matrilinear para os habitantes do nosso planeta.

Como o processo da fecundação era desconhecido acreditava-se que a Lua fosse a responsável pela gravidez das mulheres. Encontramos em HARDING ( 1985 : 50 ) a seguinte colocação:

“ Os povos primitivos não acreditam que o homem tenha alguma importância na reprodução. Alguns pensam que sua função é meramente romper o hímen ou dilatar a passagem, para abrir caminho para o raio lunar entrar, pois a lua é o verdadeiro agente fertilizador. Outras tribos não fazem sequer a conexão tão aproximada com esta. Pensam que a lua sozinha, sem ajuda, pode dar uma criança a uma mulher.”

Assim, o papel masculino na procriação foi descoberto há uns dez mil anos provavelmente, sendo que os primeiros grupos humanos formam matrilocais ou matricêntricos, isto é, onde a filiação só podia ser contada por linha materna, graças a isso as mulheres gozavam de consideração e respeito. ALAMBERT ( 1986 ), MURARO ( 1995 ).

De acordo com ALAMBERT (1986) foi Johann Jakob Bachofen o primeiro a estudar sistematicamente esse modo de organização de grupos humanos ao redor da mulher. Ele chegou a criar o termo ginecocracia para definir a linhagem materna e criou a teoria do matriarcado.

Estamos compreendendo o termo matriarcado tal como o faz BOFF (1996 b : 231) :

“ Por matriarcado se entende aquela instituição social na qual a pertença ao grupo, o nome, a propriedade se define por linha matrilinear e onde a mulher ocupa o lugar de mando na sociedade, na família, e na religião. ”

Esse período matriarcal teve início no Neolítico, 8.000 a.C., quando a humanidade deixou de ser nômade e caçadora e passou a cultivar a terra. Os povos com características matriarcais são os seguintes: os iroqueses e os horões do oeste dos USA, os pueblos hopi e zuni, no sudoeste dos USA, os nayar e khasi na Índia, os micronésios da Ilha de Palau, os miang-kabau-malaios de Sumatra, os tuareg no Sahara, os bororós do Brasil, os chibcha na Colômbia, os txhambuli da Nova Guiné. Estes povos testemunham a era do matriarcado com antecedente ao patriarcado. ( BOFF, 1996 b )

O símbolo mais representativo dessa era matriarcal é a lua, Silene, representada sob diversos aspectos, seja como mãe, protetora, virgem, companheira, bruxa, feiticeira, sedutora, devoradora.

“Há evidências de que, por 3,5 milhões de anos os seres humanos viviam em pequenas comunidades cooperativas, nas quais os sexos tinham igual valor mas as mulheres gozavam de certa forma de posição superior e de mais respeito que os homens. Ruínas arquitetônicas de cerca de dez mil anos revelam comunidades que adoravam deusas, viviam em harmonia igualitária e bem-estar material.”(FRENCH,1992: 9)

Desde o início da História coube as mulheres o cuidado com a vida, fosse através da maternidade biológica, ou através do plantio de grãos para

subsistência da tribo. Foram as mulheres que desenvolveram as primeiras plantações de grãos, que eram destinadas ao consumo do grupo.

“... as mulheres são encarregadas de todos os assuntos relativos ao suprimento de alimentos, exceto a caça e abatimento das presas. São as mulheres que precisam procurar as raízes silvestres e frutas para prepará-las para comer. E quando a tribo torna-se mais organizada, iniciando alguma agricultura rudimentar, é tarefa das mulheres cuidar do campo após os homens terem feito a limpeza preliminar. Plantar, cultivar e colher são tarefas das mulheres.  
( HARDING, 1985 : 51 )

O cultivo da terra mantinha a subsistência do grupo e estava associado à mulher; assim também estavam a ela associados os ciclos da natureza através dos mistérios vividos por ela como geração e o nascimento. Podemos, então, entender a importância da mulher no decorrer da história da humanidade.

No entanto, se a tese de Bachofen sobre o matriarcado foi audaciosa para a época de sua elaboração, ela foi deixada de lado por estudiosos outros, que refutam a existência do matriarcado como fase precedente ao patriarcado. É assim que ALAMBERT ( 1986 : 51 ) convida-nos a pensar sobre a sociedade da época:

“Lembramos, no entanto, que nas sociedades primitivas a mulher tem importância para a manutenção das comunidades. Esta importância torna necessário o controle das mulheres pela sociedade no que concerne ao seu acesso a ela. Mas este controle, sempre foram os homens que o exerceram. A relação entre os sexos nas sociedades primitivas é, pois fundamentalmente assimétrica e não recíproca. A reciprocidade sempre existiu apenas entre os homens. No sistema matrilinear a autoridade pertence à mulher e ao tio materno, enquanto nos patrilineares ele pertence ao pai e ao marido. Os dois sistemas não são, pois, um a imagem do outro apenas invertida.”

As sociedades matrilineares eram pacíficas entre si e os códigos sociais menos rígidos. A vida sexual dos integrantes do grupo matrilinear era

integrada aos outros eventos do grupo. Já a sociedade patrilinear seguia um código **mais** rígido tanto social como sexual. Embora a união dos casais fosse mais estável nos grupos patrilineares, ela não o era por escolha dos envolvidos, mas obtida através da coerção.

Sendo assim, para que a sociedade chegasse ao patriarcado foi preciso apenas que ela deslocasse o eixo da autoridade do homem advinda da linhagem materna para o eixo da autoridade do homem, agora sim, na relação direta do pai ou marido. É muito provável que isso tenha acontecido no período neolítico, por volta de 8.000 a.C., quando houve escassez de alimentos e a horticultura feminina transformou-se na agricultura masculina.(BOFF,1996 b)

Entretanto, se nos grupamentos matrilocais a convivência era pacífica, o mesmo não ocorria com esses novos grupos onde a competitividade era a tônica reinante. Esses grupos eram a semente do patriarcado. Para MURARO (1995), o texto sagrado do Gênesis é um divisor para a compreensão do patriarcado. Isto se deve ao fato de que nele se definem as diretrizes que norteiam o novo sistema emergente na sociedade da época - o Patriarcado.

Conforme alerta SCHERSBERG ( 1996 : 87 ):

“ Patriarcado não deve ser identificado com dominação dos homens ou do sexismo, mas ele representa uma forma de convívio familiar e social em que os pais possuem o poder de posse e decisão sobre as mulheres, filhos e escravos. Patriarcado, portanto, não significa a opressão de todas as mulheres por todos os homens, e sim, muito antes, um produto social complexo de estrutura piramidal. Nesse sistema não somente as mulheres são ‘os outros’, mas igualmente os membros de povos e raças dominadas. Mulheres, todavia, não são apenas as outras, mas estão subordinadas aos homens, e isso por natureza. A ordem social encontra-se em analogia à estrutura da economia doméstica, isto é, cidadãos plenos são somente os chefes de família possuidores e livres. ”

Com o texto sagrado do Gênesis, mulheres e homens despediam-se de um tempo anterior, onde a mulher ocupava um lugar definido pelo mito da Grande-Mãe. Este pode ser lembrado através de algumas peças de cerâmicas, ou bronze fundido, provavelmente pertencentes à era Paleolítica e início da

Idade do **Bronze**. Essas peças representavam mulheres de seios grandes e ancas largas e eram associadas aos cultos da fecundidade. Aquele, foi um tempo onde as preocupações do grupo centravam-se na sobrevivência e continuação da espécie; tomavam forma sob as representações que evocassem a Mãe-Terra, aquela que alimenta, cuida, aconchega e também recebe os mortos em seu seio.

Assim, se antes era a Grande-Mãe que presidia as mulheres e homens, com o Gênese é o Pai que se firma e sacraliza e, para isso, o mito judaico-cristão foi essencial.

“ E o mito judaico-cristão é o mito dos que crêem e dos que não crêem nele, dos antigos e dos modernos, porque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz. ” ( MURARO, 1995 : 70)

Sabemos que o texto javístico foi escrito quando a agricultura estava devidamente implantada na Terra, em aproximadamente 8.000 a.C., ou seja, o homem já dominava as técnicas de plantio de além do necessário à subsistência. E, quando já podiam estocar os grãos colhidos e não mais estavam submetidos aos ciclos da natureza, eram os senhores dela.

Assim, descobriram o ponto inicial para a mudança do eixo dos grupamentos antigos que tinham na mulher a centralidade da vida. Com o conhecimento do papel masculino na fecundação e com a capacidade de produzir além do necessário à subsistência humana, criavam-se os parâmetros novos para a fundação da sociedade patriarcal vigentes até hoje.

“É o varão e macho que se autoproclama senhor da natureza e não tanto a mulher. Esta é considerada por ele como parte da natureza que ele deve possuir com exclusividade, domesticar e submeter à sua lógica racional, objetiva e voluntarista. ” ( BOFF, 1996 a : 113 )

O texto javístico decretou que, com a saída do Paraíso, o homem teria que arar a terra para seu sustento e, para a mulher, sentenciou as dores do parto

e concluiu: ‘e teu desejo te levará ao teu marido e ele te dominará.’ Foi então, a partir deste vaticínio, que :

“A finalidade da vida da mulher será, dentro do patriarcado, o amor ao homem, e a do homem, o trabalho. Por isso o homem será punido no trabalho e a mulher na sexualidade e no afeto, que ficarão sempre frustrados. O iavista não poderia ser mais diabólico.” ( MURARO, 1995 : 74 )

Estavam consolidadas e sagradas as bases fundamentais do patriarcado:

- a)- a ruptura dentro do homem entre a sexualidade e afeto e entre conhecimento e emoção;
- b)- a dominação da natureza pelo homem, o trona possível a agricultura;
- c)- a dominação do homem pelo homem, o que torna possível a escravidão;
- d)- a dominação do homem sobre a mulher, o que torna possível toas as outras dominações.

A partir deste ponto de vista, ou seja, o da supremacia do homem branco, heterossexual e possuidor de bens, é que a história oficial passou a ser escrita.

Continuando nossas reflexões, parece-nos que o momento é adequado para tratarmos do surgimento da família. Queremos, entretanto, deixar claro que não desejamos ser exaustivos e sim apresentar os aspectos que se nos apresentam como relevantes para nossa temática.

## **1.1- A Mulher e a Família**

A família passou por uma longa caminhada através da História.

“Na Grécia, a família é a casa. Em grego, casa se diz: óikos, e sua atividade, definidora de sua estrutura e função, se chama: óikonomia, economia.” ( CHAUI, 1985 : 124 )

Óikos-óikonomia significa que é na casa, dentro da família, que se realizam as atividades de produção; portanto, a família é uma unidade econômica.

Família para os gregos era um conjunto de todas as pessoas, objetos e bens que estavam sob a orientação de um chefe doméstico. O chefe da família grega era o despotês, ele tinha poder de vida e morte dentro de casa, no entanto esse poder não se estendia até a pólis, uma vez que para os gregos:

“ A pólis diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer iguais”, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. ” ( ARENDT, 1995 : 41 )

Para os gregos era inimaginável algo como Economia Política<sup>2</sup>, uma vez que economia estava ligada à esfera privada, e a política era exercida nas praças da cidade, em assembleias masculinas, estando portanto ligada à esfera pública. Nas assembleias da pólis não participavam nem as mulheres, nem os escravos. Eles não eram cidadãos.

A família romana também alongava seus braços e neles cabiam a mulher, os filhos, as filhas, e as viúvas dos filhos e os filhos, além da propriedade com todos os escravos, os libertos, os ancestrais mortos, mais todos os animais e todos os jardins. Sobre todos era absoluta a autoridade do pater-famílias. Nessa família romana, as mulheres, a exemplo da “mulheres de Atenas”, também eram destinadas ao espaço doméstico.

A família assim constituída é uma estrutura de poder: o pater-famílias tinha também o poder de vida e morte sobre todos os seus membros. Também regulamentava os casamentos realizados dentro da família, de modo a impedir alianças desfavoráveis à organização familiar.

---

<sup>2</sup> Essa expressão indica que a economia não mais depende diretamente da família nem ela se articula diretamente, sua relação fundamental sendo estabelecida diretamente no e com o espaço público – o mercado, a sociedade e o Estado. (CHAUI, 1985)

“No mundo cristão, além da família romana, coexistiam inúmeras outras, sejam pertencentes aos povos conquistados pelo Império Romano, que não tocava nas estruturas fundamentais das sociedades conquistadas, embora, acabasse por transformá-las, seja, as dos grupos bárbaros, que invadiram o Império. (...) Foi obra da Igreja Católica a homogeneização lentíssima da estrutura familiar. (...) Ora nem mesmo a família cristã é a mesma hoje, se comparada aos séculos precedentes.” ( CHAUI, 1985 : 128 )

Foi Philip Àries, historiador francês, que nos deu pistas a respeito da família existente até o século XVI, através de seus estudos em “História da Família e da Criança no Antigo Regime.” Ele estudou documentos e pinturas medievais que tratavam da família da época, e concluiu que a família era um aglomerado de pessoas que viviam sob o mesmo teto. Todos moram juntos, em comum, porque nessa casa não havia divisões de cômodos, ou seja, não existiam quartos para dormir, ou salas para visitas. O que diferenciava as pessoas era o nascimento nobre ou a linhagem aristocrática.

“Família é um grande espaço aberto de sociabilidade constituído por pais, filhos, genros, noras, servidores, amigos, clientes, parentes, confessores, vassalos do exército do senhor feudal, em relações hierarquizadas, fixas e precisas, comandadas pelo chefe da família.”  
( CHAUI, 1985: 128 )

Nos séculos XVII e XVIII, a família passou por mudanças com o aparecimento e a consolidação da burguesia surgindo uma nova forma de organização familiar: a família conjugal.

Com o aparecimento da família conjugal, o espaço interno das casas, espaço privado, ganhou divisões internas.

“ pois a partir do momento em que o sangue nobre, as cerimônias da vassalagem e de servidão não existirem mais, será preciso marcar a diferença social com outros sinais visíveis, pois as regras hierárquicas eram suficientes, em contrapartida a burguesia, para qual todo mundo, em princípio, é igual, precisa da arquitetura para dizer que há os desiguais.” ( op.cit.: 128 )

A família vai se definindo, agora, como sendo um espaço particular, onde a propriedade privada e a apropriação do produto do trabalho seguem juntas, o que sugere que:

“a família volta a ligar-se diretamente à economia, mas mediada por um determinação social. A família burguesa procria herdeiros e gestores do capital: a família trabalhadora procria a mão-de-obra.” ( CHAUI, 1986 : 126 )

Para a compreensão da condição da mulher seja no patriarcado, seja no mundo industrial, é importante que vejamos a condição da mulher durante o nazismo, pois nesse período da história a mulher foi referendada quase que exclusivamente por sua função de procriação.

Segundo STUART ( 1974 ), o nazismo propunha às mulheres alemãs os célebres três K: kind, criança, kirche, igreja, küche, cozinha. Essa era a ideologia que deveria pautar a vida das mulheres alemãs da época. Em consequência disso, elas foram alijadas de qualquer tipo de trabalho público.

“Hitler argumentava que, dentre as raças inferiores, as mulheres poderiam ser consideradas inferiores aos homens, mas entre os arianos elas eram iguais, só que com papéis complementares. O papel das mulheres seria casar-se e ter o maior número possível de filhos, pois só assim se multiplicaria o sangue ariano, permitindo a dominação do mundo.” ( MURARO, 1995 : 140 )

Esse foi um tempo onde aquelas mulheres viveram o papel de mãe como expoente máximo desejável. Todavia, enquanto elas ficaram reclusas no âmbito doméstico, as mulheres russas iam à universidade, e as norte-americanas entravam em massa nas fábricas e escritórios. ( STUART, 1974 )

Dentro desse contexto histórico-social, a família pequeno-burguesa ganhou relevância. Desprovida de poder econômico e político no sistema do capitalismo industrial, onde vivia à procura de corrupção na burguesia e da imoralidade no proletariado, no nazismo exerce funções de controle, onde cada um controla a todos.

E desse modo:

“Repressiva e farejadora de vícios, particularmente os sexuais, destruidores dos bons costumes e da família. No Nazismo, ela é elevada à condição de sadia influência moral conservadora.” ( CHAUI, 1985 : 137 )

Durante o auge da Segunda Grande Guerra, os nazistas convocaram as mulheres para trabalharem nas fábricas, em substituição aos homens que estavam nas frentes de batalha, pois, agora trabalhar além do âmbito doméstico não era mais perigoso, melhor, era necessário. Também, convocaram mulheres para que acompanhassem as tropas com destino aos países ocupados, e mesmo assim ainda esperava delas que continuassem a engravidar e a transmitir a ideologia para os filhos. É assim que pudemos entrever o patriarcado em sua plenitude e observar a condição da mulher nesse sistema ... o final foi como todos já sabemos. ( MURARO, 1995 )

## **1.2 - A Mulher e a Família Brasileira**

A família brasileira do século XIX, unidade agrícola de produção, é formada pelos pais, padrinhos e afilhados.

“No Brasil, os estudiosos têm enorme dificuldade para definir o que seja a família brasileira, anterior à abolição da escravatura e anterior à industrialização, porque, no Brasil, a família antiga é ainda uma unidade de produção, a família é o engenho, por exemplo, nela o trabalho é escravo e não de trabalhadores ‘livres’ vendendo trabalho no mercado ( a família é a casa grande e a senzala ), de modo que ela existe como se fosse uma espécie muito curiosa de óikos quando já existe a economia política. Por isso, alguns estudiosos dizem que se trata de uma família patrimonial articulada com o mercado. Muitos também consideram que o caráter autoritário e repressivo da família brasileira ( em todas as

classes sociais ) vem dessa origem, da casa com o chefe dotado de poder de vida e morte sobre a família: escravos, esposa, bois, cavalos, cães e gatos. " ( CHAUI, 1985 : 126 )

De acordo com SAFFIOTI ( 1979 ), há indícios de que, na família brasileira do século XIX, as mulheres aceitavam a supremacia do homem quer na sociedade, quer no ambiente familiar. Socializadas desde meninas para casarem-se, viam seus maridos sendo escolhidos pelo pai.

A vida da mulher brasileira senhorial ocorria de modo a sofrer transformações objetivas por conta, dentre outras variáveis, da urbanização da época. É bem verdade que, se essas transformações não ocorriam em profundidade, eram suficientes para alargar os horizontes femininos tão estreitos da época. Assim, as mulheres puderam comparecer às igrejas, ao teatro, e a algumas festas. A família patriarcal brasileira dava mostras de estar sendo menos rígida para com suas mulheres.

Embora, esse costumes sociais novos pudessem indicar esse movimento dentro da família, não era indício de serem seguros, uma vez que para as mulheres o espaço por excelência ainda era o lar.

Assim, alheias à opinião pública que se agitava com os movimentos abolicionistas, elas não chegaram a ter participação consciente dentro desses movimentos, o que poderia tê-las elevado da condição de ser-objeto para ser-sujeito.

Ocorre que algumas mulheres conseguiram, mesmo dentro de casa, ser excelentes administradoras, seja dos serviços domésticos desempenhados pelos criados ou escravos, que por si só devia ser árdua tarefa, seja pela administração dos negócios da família quando ocorria algum infortúnio ao marido. Assim, vamos encontrar a primeira mulher com liderança política no ano de 1842, em Minas Gerais, dona Josefa Carneiro de Mendonça.

( CARDOSO, 1981 )

O que fica absolutamente evidente é que, mesmo com o despontar de algumas mulheres, o poder de mando ainda pertencia absoluto do homem. Isso podia advir dentre outras variáveis possíveis, da socialização diferenciada entre meninos e meninas. Mesmo com uma educação repressora, algumas

moças dos sobrados fingiam à regra e tornavam-se mães solteiras, o que as deixava muito mal-faladas.

“Todavia, estes acontecimentos nem foram suficientes para operar uma profunda transformação na maneira pela qual a sociedade encarava a questão da virgindade e da castidade da mulher, que continuou rígida, nem abalaram a posição vantajosa que o homem ocupava em face da mulher.”  
( SAFFIOTI, 1979 : 172 )

Com relação à mulher negra, essa continuava como objeto da cama e trabalho para o homem branco. A Abolição trouxe para as mulheres negras a visão da extrema pobreza em que viviam, e muitas delas tiveram que ficar nas casas onde eram escravas anteriormente ou se entregaram à prostituição. A Abolição trouxe também o desnudamento de um situação paradoxal. A mulher negra continuava sendo inferior ao homem negro, embora ambos tenham sido libertados e adquirido a condição de cidadãos brasileiros. No entanto, o homem branco têm ascendência sobre os dois como também sobre a mulher branca. É desta perspectiva que CARDOSO (1981 : 14) nos chama a atenção : “ E a mulher negra ? Ficou sem amparo nenhum. E a mulher branca? Foi rebaixada à condição do homem negro, ex-escravo. ”

A industrialização e a crescente urbanização solicitaram a mão-de-obra feminina e as mulheres se fizeram presentes nas fábricas, lojas, escritórios, como trabalhadoras. E ao receberem salários por trabalhos realizados fora de casa, as mulheres caminham alguns passos na trilha que poderá transformá-las em cidadãs mais conscientes, e fazer com que consigam algumas transformações dentro da família patriarcal brasileiras.

Como se vê, os tempos apontavam uma perspectiva diferente para as mulheres. Os namoros e os casamentos não são mais arranjados pelos pais; os filhos agora o fazem com maior liberdade, facilitados pelos costumes de freqüentar bailinhos, passeios nas praças, o chamado ‘footing’ das cidades interioranas.

“De qualquer modo, o alargamento dos horizontes culturais da mulher urbana, a limitação da natalidade, o recurso crescente ao processo legal da separação conjugal

constituem dados reveladores de que a posição social mulher vem sofrendo um redefinição constante pelo menos nos centros dinâmicos da vida social brasileira.”  
( SAFFIOTI, 1979 : 180 )

Apesar dos novos costumes, a repressão sexual continua a atingir as mulheres brasileiras do século XIX, porém elas são agora mais ousadas.

A família no meio rural brasileiro conservou os traços da organização da família patriarcal da época do colonialismo. O compadrio teve especial desenvolvimento pois, através dele relacionavam-se as diferentes classes sociais existentes, com vantagens para ambos os lados.

A classe dominante era beneficiada pela segurança que os afilhados proporcionavam a ela, e os afilhados contavam com a influência econômica e política do padrinho para a resolução dos eventuais problemas que surgissem durante a vida.

Ainda hoje, a expressão “ter padrinho” significa o apoio de pessoa influente para a solução de entraves do cotidiano.

Não percamos de vista que a organização familiar é estruturalmente sustentada por relações de autoridade, de direito e obrigações. Essas assimetrias ganham configurações legais através do casamento civil, configurações sagradas através do matrimônio.

Então a família é protegida por lei e o casamento é regulamentado pelo Estado, através de um contrato civil, e não mais somente pelo sacramento da Igreja, como ocorria anteriormente.

Com a regulamentação do casamento civil, fica definido e ratificado sem equívocos o local de atividade da mulher como sendo a casa, e o seu destino inexorável o de ser mãe. Naturaliza-se a mulher, ou, dito de outra forma: “tudo, na mulher vem da natureza e é por natureza que está destinada a ser mãe. Seu espaço é a casa.” ( CHAUI, 1985 : 135 )

As mulheres, então, são afastadas do mercado de trabalho e também da herança paterna. Couberam aos homens, como definição de seu papel no casamento, as características dadas a ele pela cultura, como a responsabilidade, a autoridade, a austeridade, sendo o único quesito referendado pela natureza

atribuído ao homem o da virilidade. Observamos que a mulher é sempre definida como tendo características 'naturais'.

Ficou configurada a assimetria do poder do marido sobre a mulher. A ele é dado como espaço de domínio, além do da casa, o espaço público através do mercado e da política. Outra vez, dentro da perspectiva dominante, é a natureza que vai locar o espaço permitido à mulher. No entanto, é dentro de casa que são realizados os exaustivos deveres domésticos, os quais nunca recebem reconhecimento por parte de ninguém, nem mesmo do governo que deles se apropria.

Sabemos que não esgotamos o tema, porém, é necessário observar o universo dos papéis sociais, e dentro dele, pensamos ser fundamental o lugar que ocupa o trabalho feminino.

### **1.3 - A Mulher e o Trabalho**

Segundo dados estatísticos no Brasil, o trabalho feminino esteve presente de modo significativo desde o século passado. Em 1870, ano da realização do primeiro censo brasileiro, a população feminina economicamente ativa atingia cerca de 45%; em 1920 essa proporção caía para 15,3% e em 1970 chegou a alcançar 20%. (STUDART, 1974)

Nos anos subsequentes à década de 70, o país teve uma expansão no mercado de trabalho e podemos apontar, como causa desse crescimento, a urbanização e a crescente industrialização. O país vivia um período onde houve transformações de ordem econômica e social e isso refletiu favoravelmente sobre a força feminina. (BRUSCHINI, 1994)

Esses fatos criaram a oportunidade de aumentar a oferta de empregos e portanto houve possibilidade de contratação de maior número de trabalhadores, entre eles estavam as mulheres.

Os movimentos feministas à época dos anos 70 causaram impacto na sociedade brasileira quando quis tornar visível a invisibilidade das mulheres. Com isso a presença feminina passou a receber uma atenção que até então não havia merecido. Alie-se a isso que o controle<sup>3</sup>de natalidade, novidade na época, proporcionava a opção da redução do número de filhos por mulher, o que a liberava para o trabalho.

A década de 80 foi marcada por altas taxas de inflação e desemprego e uma acentuada crise política. Mesmo assim, as mulheres continuaram a participar do mercado de trabalho e foi o período onde houve um grande aumento da escolaridade feminina com a inserção de maior número de mulheres nas universidades, contribuindo para a transformação dos padrões existentes.

“Em 1990 o número de trabalhadoras brasileiras atinge a cifra de 23 milhões, 18 dos quais se concentram na cidade. Ainda que a atividade das mulheres tenha crescido também no campo, onde a taxa feminina alcança 36% no período analisado, o incremento foi muito mais significativo na zona urbana ( quase 60% ) graças à incorporação de quase 7 milhões de novas trabalhadoras.” ( BRUSCHINI, 1995 : 66 )

Onde estão as mulheres no mercado de trabalho ? Ao enfocarmos as mulheres no mercado de trabalho, podemos observar que elas estão em grande maioria distribuídas nos setores domésticos e de serviços. Ou seja, as mulheres estão nos lugares onde o trabalho é mais rotineiro, mais repetitivo.

Grande parte da mão- de- obra feminina no Brasil é utilizada em serviços ditos femininos e entre eles o de empregada doméstica é o que abarca o percentual maior dessas trabalhadoras. É importante observar o seguinte :

“Em São Paulo, a cidade mais desenvolvida do país, apenas 20,4% das empregadas tinham registro em carteira em 1987. Esse percentual era bem mais elevado para as que residiam na casa do patrão ( 49,3% ), em comparação àquelas que prestam serviços como diaristas.” ( BRUSCHINI, 1994 : 7 )

<sup>3</sup>Controle de natalidade - esta terminologia surgiu durante o tempo de governo militar, sugere controle do número de filhos feito pelo Estado. Diferindo, então, de planejamento familiar onde é o casal que decide o número de filhos que deseja ter.

Ainda referindo-nos ao mesmo assunto e confirmando essa tendência:

“ em 1996/ 1997, os Serviços e os Serviços Domésticos foram os únicos que apresentaram crescimento no contingente de ocupadas em 97. Os Serviço Domésticos passaram a ter maior participação que a indústria entre as ocupadas, a partir da segunda metade da década de 90. O aumento deste setor, nos últimos quatro anos, foi determinado pela elevação da parcela de empregadas domésticas mensalistas que compreende  $\frac{3}{4}$  deste segmento.”  
( “Mulheres em Dados”, janeiro 98 : 4 )

Ao lado do emprego doméstico está o trabalho informal, aquele que pode ser realizado em casa. Este tipo de trabalho favorece a mulher com relação ao uso do tempo, uma vez que pode conciliar as atividades familiares e econômicas, entretanto ele não costuma dar nenhuma garantia. É BRUSCHINI ( 1994 : 74 ) que afirma:

“ No informal, apesar da ausência de dados seguros, sabe-se que a presença feminina é intensa. Em São Paulo, em 1981, 5% de um total de 10 milhões de pessoas, a maioria composta por esposas, exerciam atividades definidas como bicos, como manicura, confecção de doces e costura. Análise de dados sobre o local de trabalho e posição na família, realizada pelo Dieese na grande São Paulo mostrou que, em 1985, 10,22% das esposas trabalhavam no domicílio, enquanto 2,6% dos paulistanos ocupados estavam na mesma posição.”

O trabalho agrícola é o setor que absorve o segundo maior contingente da mão-de-obra das trabalhadoras . Aos trabalhos agrícolas, que são pesados, extenuantes, ainda são acrescidos todos os domésticos agravados pelas piores condições, visto que em muitas casas nem água encanada existe. “É comum que a mulher sertaneja rejeite até o nome de mulher, como se se tratasse de algo impregnado de humilhação: mulher, não; mais respeito. ” ( STUART, 1974 : 46 )

Esta situação não nos deixa à margem de outros países, pois, quando terminou a Conferência das Nações Unidas da Década das Mulheres, em 1985, foi elaborado um documento que mostrava que havia um avanço das mulheres em setores como o da educação, saúde, emprego e política durante a década

75/85: entretanto alertava para o fato de que a responsabilidade das mulheres havia aumentado, enquanto que os homens continuavam a deter o poder.

“ o relatório afirma que 35% das mulheres casadas, na Europa, trabalhavam recebendo salários: na África, elas executavam 75% do trabalho agrícola, em acréscimo às atividades de buscar água e lenha, cozinhar, lavar e cuidar dos filhos. Em Malvi, as mulheres executam tanto trabalho quanto os homens nas plantações de algodão e nas tarefas domésticas, produzem o dobro deles nas culturas de milho. Em Burkina Fasso, as pessoas emagrecem durante a estação chuvosa, porque as mulheres se cansam tanto nos longos dias de trabalho no campo que não conseguem cozinhar (constata-se, assim, que é tão difícil para um homem preparar seu jantar quanto ter um filho). Nos países industrializados, as mulheres trabalham 56 horas por semana em casa. Nos outros, até mais, além de assumir a responsabilidade da procriação. ” ( FRENCH, 1992 : 38 )

Foram as mulheres operárias que chamaram a atenção sobre o sexo do trabalho e, sem dúvida nenhuma, este é masculino. Embora, as leis brasileiras proibam discriminação de qualquer espécie, as mulheres ainda ficam sujeitas a discriminações e subordinações no chão da fábrica.

Procurando compreender qual a origem dessa subordinação, encontramos em Engels, citado por MELLO ( 1985 : 70 ), a seguinte afirmação: “ A primeira divisão do trabalho é que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos. ”

Isso teria acontecido dentro da família sindiásmica, que é aquela onde a mulher cabia a fidelidade ao homem, e ao homem era possível a poligamia. Nessa primeira divisão do trabalho alguns grupos conseguiram domesticar e criar gado, diferenciando-se dos demais grupos bárbaros. Produziram também a lã, peles e couros, o que possibilitava a troca entre os membros do próprio grupo. Assim, a horticultura em seu início visou à alimentação do gado e à alimentação do grupo. São dessa época a descoberta do tear e a fundição de minerais. Diante disso, o aumento da produção foi grande e demandou força de trabalho extra, veio sob a forma de escravidão dos prisioneiros de guerra. Estavam configurados os resultados da primeira divisão social do trabalho: a

sociedade se constituía, a partir daí, em senhores e escravos, exploradores e explorados.

A segunda grande divisão social do trabalho surge com a separação do artesanato e da agricultura. Nessa, o arado e o machado de ferro permitiram o cultivo de alimentos em larga escala e, no artesanato, ou ofícios manuais, surgiram a arte de tecer, a produção de vinhos e azeites, o trabalho com metais. Para que essa divisão do trabalho ocorresse, foi necessária outra divisão da sociedade, agora em classes. Ao lado da diferença anterior, que era a de ricos e pobres, estabeleceu-se outra: a diferença entre homens livres e escravos. Os escravos eram elementos essenciais nesse sistema. É dessa época a produção mercantil, ou seja, a produção destinada à troca e, com a troca advém o comércio.

A terceira grande divisão social do trabalho apareceu com a classe dos comerciantes, no início da civilização; eles eram os intermediários entre a classe produtora e as outras, e exploravam a ambas, sem tomar parte em momento algum da produção. Com os comerciantes ficaria estabelecida a separação entre cidade e campo e, mais tarde, entre o trabalho industrial, o comercial e o agrícola.

Ficou assim configurada uma relação estreita entre divisão social do trabalho e o modo de produção, que conduziu a sociedade a diferentes formas de propriedade. Entretanto: “ a divisão do trabalho só surge efetivamente a partir do momento em que se opera uma divisão entre trabalho material e intelectual. ” ( Marx e Engels, apud MELLO, 1986 : 24 )

Com a ascensão da classe média, durante o século XV, surgiram as nações que tinham um governo forte e centralizado, e a burguesia nascente teve um campo propício para seu desenvolvimento. No século XVI surgiram as manufatureiras que, por serem separadas do sistema corporativo anterior, exigiam maior número de trabalhadores e capital. As relações que eram fundadas no patriarcado passaram a ser mediadas pelo dinheiro.

O sistema fabril, que já se utilizava da máquina à vapor, aproveitou-se da divisão do trabalho para abater o custo final do produto têxtil. Então, os artesãos domésticos, os tecelões dos teares manuais, que tinham somente o seu

ofício para ganhar a vida, tiveram aos poucos as suas oficinas fechadas. Submeteram-se a ingressar na classe trabalhadora. A conjugação da classe trabalhadora com a rápida expansão do comércio e o acúmulo de capital foi o solo onde foi gestado o capitalismo industrial. A organização da produção capitalista teve como resultado a divisão manufatureira do trabalho, a qual, acrescida de algumas modificações, é o princípio básico da organização social.

“ Assim, a divisão do trabalho é levada ao mais alto grau sobre o jugo do capitalismo. Nesse modo de produção, as vocações individuais são negadas, na prática, pela divisão do trabalho; e seu crescimento, bem como a organização centralizada do trabalho, não têm como função social a eficácia técnica, mas a acumulação do capital. ”  
( MELLO, 1986 : 25 )

Desse modo, a divisão social do trabalho separa-o em trabalho mental e trabalho manual e gera as condições para as relações sociais até hoje existentes, onde os indivíduos são subordinados pelas diferentes tarefas que executam, ou seja, no planejamento, ou na sua execução. E essa divisão, quanto mais aperfeiçoada estiver, mais acumulação de capital nas mãos de uns poucos irá consolidando. Dessa divisão advêm os procedimentos que validam a utilização da mão-de-obra no chão da fábrica, com todas as limitações que lhe são impostas.

Para SAFFIOTI ( 1981 ), a liberação da mulher só é possível dentro do capitalismo quando ocorre em setores que não possam ser ameaçados no que se refere ao desenvolvimento do processo de acumulação de riquezas. Exemplificando, poderíamos dizer que a liberação sexual da mulher através de anticoncepcionais seguros não causa inconvenientes ao processo de acumulação de capital, portanto foi permitida. No entanto, o mesmo não ocorre se as mulheres forem liberadas da segunda jornada, ou seja a doméstica. Essa liberação poderia provocar um crescimento considerável da chamada mão-de-obra de reserva e ameaçar a estabilidade das democracias liberais.

Desses movimentos de (des)-construção de relações, podemos vislumbrar o que vai permeando as atividades econômicas desenvolvidas fora

de casa por mulheres. O que fica evidente, como fato na vida das pessoas, é que as oportunidades são distribuídas de modo assimétrico para mulheres e homens, de tal modo que às mulheres cabe a parte menos vantajosa. Obstáculos representados pelas estruturas sociais, restrições legais e sócio-históricas terminam em discriminação, marginalização ou subordinação, que podem ser visíveis ou invisíveis.

Assim é que, adotando a perspectiva de gênero numa discussão, reconhecemos que somente as diferenças biológicas seriam insuficientes para balizar a discriminação sofrida pelas mulheres ao longo do tempo, ou mesmo para definir em quais atividades profissionais elas podem transitar, além da doméstica.

E é dentro do lar, de modo invisível, rotineiro, extenuante e com exclusiva responsabilidade sua, na grande maioria das vezes, que ela ainda cuida e dispensa os cuidados imprescindíveis ao trabalhador e à sua prole. E, dentro desse contexto do trabalho doméstico, que sentimos a necessidade de expressar -nos como o fez Domitila, em VIEZZER ( 1979 : 36 )

“mas, apesar de tudo o que fazemos, há ainda a idéia que as mulheres não realizam nenhum trabalho porque não contribuem economicamente para o lar; que somente o marido trabalha porque recebe salário. Nós temos tropeçado bastante com esta dificuldade. Um dia me ocorreu a idéia de fazer anotações em um quadro. Pusemos, como exemplo, o preço da roupa lavada por dúzia e verificamos quantas dúzias lavaríamos por mês. Depois o salário de uma cozinheira, de uma babá, de empregada. No total vimos que o salário necessário para pagar o que fazemos na casa, comparado com o salário da cozinheira, lavadeira, babá, empregada, era maior que o companheiro ganhava durante o mês, na mina. Então fizemos nossos companheiros compreenderem que, em certo sentido, trabalhávamos mais que eles. E que, inclusive, mais dentro do lar com o que economizamos. Assim, apesar de o Estado não reconhecer o trabalho que fazemos em casa, o país se beneficia do nosso trabalho e também o governo se beneficia, porque deste trabalho não recebemos nenhum salário.”

Necessário é observarmos que as condições às quais estão submetidas

as operárias são diferentes das dos operários. A fala anterior é um alerta para que os pesquisadores dêem voz às mulheres e ouçam-nas realmente, pois são elas que podem e devem expressar com maior profundidade as dificuldades a que estão submetidas. Antes que qualquer teórico ou acadêmico possa levantar a questão, elas já vivenciaram em seus corpos os limites de ação que lhes foram impostos.

Assim, sensibilizada pela fala das operárias, SOUZA-LOBO ( 1991 ) sistematizou pontos importantes que evidenciam as diferenças entre mulheres e homens e que as “ fragilizam ” no desempenho de atividades profissionais. Entre as dificuldades, estão colocadas as tarefas domésticas que dificultam o acesso delas às reuniões sindicais; a ideologia que norteia a mulher dentro da família é a que a orienta para quais atividades ela poderá, ou não, vir a desenvolver fora de casa; o ato, altamente aceito, de que os homens são os atores sociais por excelência, não as mulheres; e por último, e nem por isso menos importante, a exigência de que as mulheres procriem e criem os filhos.

Esses pressupostos envolvem conceitos de desigualdade de gênero tão arraigados entre nós que, às vezes, até algumas líderes sindicais queixa-se dessa situação de modo desalentador, como tão bem nos alerta AMADO ( 1989 : 15 ):

“ o fato de pertencer ao sexo feminino não garante a compreensão dessa situação de desigualdade. Há muitas que identificam a ativismo sindical, o próprio exercício do poder, com o masculino, porque isso corresponde a uma situação de subordinação histórica das mulheres, faz parte da cultura, diz Olga Hammer, dirigente argentina da agremiação do magistério. E conclui que se deve trabalhar com elas igual como com os homens, se quiserem ampliar a consciência da mudança. ”

Ainda dentro da abordagem da divisão do trabalho dentro da indústria podemos observar que “a força de trabalho masculina aparece como força livre, a força de trabalho feminina como sexuada.”(SOUZA-LOBO,1991:152); com isso as profissões e tarefas acabam sendo extensões das práticas masculinas e femininas. Sendo então assim, os homens fazem trabalhos que

exigem **força** muscular e mulheres reproduzem as atividades domésticas.

No entanto, não são somente as práticas masculinas ou femininas que codificam essa assimetria, mas outro contexto maior, onde estão presentes as práticas sociais historicamente construídas, que determinam quais as estratégias a serem adotadas e o modo de serem vividas. Ou seja, na medida em que as mulheres entram em determinadas áreas, ocorre a desqualificação do trabalho sob a forma perversa da redução dos salários. Fica implícito, então, que essa redução de salário é devida à feminização do trabalho.

Recente pesquisa apresentada pelo jornal do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, CREA-São Paulo, sobre o perfil dos profissionais da área das engenharias, mostrava que o salário recebido pela mulher engenheira ainda continua inferior ao do homem engenheiro. Ainda, os cargos de chefia, como gerência e diretoria, são preferentemente masculinos, sendo que as mulheres estão mais relacionadas aos setores técnicos. ( CREA-SP. março/98 ano 6, nº 52 )

Ora, este fato poderia nos remeter à argumentação de que as mulheres ganhariam menos porque não estão nos cargos de chefia ou porque trabalham em tempo parcial.

A esta argumentação queremos antepor uma outra: por que postos de chefia ainda são distribuídos tão assimetricamente entre mulheres e homens ? E por que somente as mulheres “preferem ” trabalhar meio período ao invés de fazê-lo em tempo integral ?

Algumas destas indagações podem ser esclarecidas através de BARROSO ( 1982 ). Ela nos afirma que, embora exista um número relativamente maior de mulheres que trabalham em regime de meio período, elas o fazem não por opção, mas por necessidade. Esta necessidade nos remete aos afazeres domésticos que, na maioria dos casos, como insistentemente temos lembrado, ainda são afetos somente às mulheres. Outra justificativa para a ocupação de empregos de meio período seria a de que estes são os que se encontram à disposição das mulheres com maior frequência.

“Além disso, entre as mulheres que trabalham mais de quarenta e oito horas, a maioria, 51%, o faz para conseguir um rendimento de até um salário mínimo, isto é, para garantir sua subsistência, elas têm de trabalhar além da jornada de trabalho considerada normal.”  
( BARROSO, 1982 : 28 )

Como vimos, então, ainda hoje, mesmo onde os níveis de escolaridade alcançados por mulheres e homens são iguais, ainda é corrente que as diferenças de salário estejam permeando as condutas empresariais, o que vem reforçar a continuidade de uma prática, no mínimo, desigual para as mulheres, como já nos apontava SOUZA-LOBO ( 1991 : 171 ):

“ A divisão sexual do trabalho produz e reproduz a assimetria entre as práticas femininas e masculinas, constrói e reconstrói mecanismos de sujeição e disciplinamento de gênero-dominação.”

Ainda sobre a qualificação/ formação da mão-de-obra feminina, existe por parte dos empresários a idéia de que essa, não sendo adquirida através dos meios formais, através das instituições, passa a ser caracterizada como atributo natural da mulher. Assim é que destreza manual e rapidez, por exemplo, passam a ser consideradas ‘aptidões natas ’ quando se referem à mulher, embora sejam muito requisitadas nas indústrias eletro-eletrônica.

Vejam os KERGOAT ( 1986 : 84 ) que apropriadamente nos coloca que:

“ ao invés de dizer que as operárias têm uma formação inexistente ou mal adaptada, dizemos o contrário, que elas têm uma formação perfeitamente adaptada aos empregos industriais, que se lhes propõem. Dizemos também que elas adquiriram, inicialmente, através de um aprendizado ( na profissão de futura mulher, quando eram meninas), depois mediante uma formação contínua ( trabalhos domésticos ). As operárias não são operárias não-qualificadas ou trabalhadoras manuais porque são malformadas pela escola, mas porque são bem formadas pela totalidade do trabalho reprodutivo. ”

Quando as práticas da operária não correspondem aos padrões esperados sempre se pode recorrer à explicação do tipo 'natureza feminina'. Assim, as mulheres não participam ativamente dos sindicatos por serem dóceis e submissas e não estariam verdadeiramente interessadas em seu trabalho. No entanto, a condição operária feminina só veio à tona através das falas das metalúrgicas de São Bernardo no I Congresso das Trabalhadoras Metalúrgicas de 1978. ( SOUZA-LOBO, 1991 )

Através do discurso das operárias e das mulheres de outras profissões, pode-se esclarecer a suposta docilidade feminina. Se levarmos em conta o autoritarismo que recai sobre a mulher, compreendermos que a docilidade feminina é muito mais produto dessa situação do que propriamente de submissão. Além da disciplina existente na fábrica, alia-se a ela a autoridade da chefia, que sempre pode ser autoritária, mesmo tratando-se de chefia feminina. Entretanto, quando essa chefia é masculina, fica configurada outra submissão: a de sexo, que se denuncia até pelo modo de se relacionarem as partes envolvidas.

Com isso, os níveis de reivindicações femininas acabam sendo desconsiderados; as lutas femininas ou se reproduzem masculinas ou são consideradas ridículas ou ensandecidas.

Foi assim que a Argentina dos anos 70 viu surgir um manifesto da mulheres, as Mães da Praça de Maio, que ecoou por todo o continente latino-americano. Esse movimento rompia com a lógica da história oficial. Eram mães que falavam da orfandade na qual elas estavam mergulhadas, e o faziam à revelia das luzes do dia, sob o sol e sob a chuva. E, ao gritarem na praça - o lugar público - o nome das filhas e filhos desaparecidos, não só rompiam com as razões do Estado, mas o ignoravam, e por isso mesmo eram loucas...

“As loucas da Praça de Maio falavam do lugar mais antigo, do laço ancestral que une a mulher a seu filho. Por isso diziam o incompreensível. Não defendiam a família, instituição que os homens criaram exatamente a preço das mulheres. Gritavam uma fala deslocada, anterior ao discurso social, mas feita discurso social pelo fato mesmo do grito. O grito se dava na praça.” ( OLIVEIRA, 1993 : 136 )

## 1.4 - A Mulher e as Máquinas

À medida em que novas máquinas com tecnologia mais avançada são incorporadas ao trabalho, as mulheres vão sendo substituídas pelos homens mesmo em setores femininos das empresas.

“... a associação entre o homem e a técnica e a visão de que falta à mulher a competência tecnológica se mantém. Esse tipo de visão é responsável não só pela manutenção da exclusão feminina das ocupações com maior conteúdo tecnológico, como por sua expulsão de áreas que tradicionalmente eram reservadas ao trabalho feminino, os quais vão se sofisticando em termos tecnológicos.”  
( LEITE & POSTHUMA, 1996 : 13 )

Inovações tecnológicas requerem investimentos em treinamentos, e estes estão muito mais direcionados à mão-de-obra masculina, uma vez que é pensamento corrente entre os empresários que a mão-de-obra feminina é situada como instável. Esta instabilidade estaria definida em dois níveis: o de ordem natural e o de ordem social. Os fatos biológicos, como gravidez e aleitamento, seriam utilizados como justificativas de ordem natural, e o alto índice de absenteísmo das mulheres ao trabalho seria a justificativa pelo nível social. Assim, o investimento das empresas na qualificação feminina seria antieconômico. ( SAFFIOTI, 1979 )

Entretanto, o absenteísmo não deve ser considerado um fenômeno ligado somente às características femininas, uma vez que homens também faltam ao emprego, mas pode ser relacionado com a situação de inferioridade no trabalho e ou baixa remuneração. Um trabalho que fosse agradável, de responsabilidade e que recebesse uma remuneração compatível teria um reduzido número de faltas por parte das mulheres trabalhadoras.

Acreditamos que fica evidente que a desqualificação da mulher está mais referendada pelo preconceito que permeia a estrutura da sociedade em

que vivemos, do que propriamente inabilidade técnica. E assim concordamos com CARDOSO ( 1980 : 69 ) quando ela nos alerta ser:

"devido a uma série de alegações sobre as características instáveis da mão-de-obra feminina, muitos empregadores negam-se a ensinar um trabalho mais qualificado às mulheres, ainda quando a prática lhes mostra que muitas delas seriam capazes e produtivas tanto quanto os homens. As mulheres na indústria brasileira estão quase totalmente confinadas às ocupações não qualificadas e semi-especializadas, não dominando um ofício ou uma qualificação."

LEITE & SHIROMA ( 1995 ) revelam que, sempre que a empresa adquire máquinas mais sofisticadas, começa a treinar homens para manejá-las, mesmo quando o trabalho anterior era feito por mulheres. Foi essa a conclusão de recente pesquisa realizada na região de Campinas, S.P.:

"... o enriquecimento do trabalho das costureiras que testavam a máquina com a incorporação do trabalho de ajuste vem levando a masculinização do posto; seja na indústria eletrônica, onde uma empresa que iniciou suas operações trabalhando com mão-de-obra exclusivamente feminina no chão da fábrica, passou a contratar apenas homens à medida que se expandia e modernizava, chegando ao final de 1993 com uma taxa de 12% de mulheres na produção."

( Leite & Shiroma, apud LEITE & POSTHUMA, 1996 : 14 )

A experiência atual, então, está apontando que, contrariamente ao esperado, novas tecnologias não estão favorecendo o trabalho feminino. Na medida em que esse trabalho fica menos sujo, menos perigoso, ou menos pesado, ele é destinado à mão-de-obra masculina. O que aparece, portanto, associado às novas tecnologias, é que o homem é quem possui a visão técnica necessária para trabalhar com a nova máquina, o que acaba colaborando com a difusão da ideologia de que mulher e máquina não combinam. E, na medida em que as mulheres são apartadas da tecnologia devido à discriminação de gênero, fica implícito que elas estão sendo afastadas do progresso, tecnológico. A tecnologia poderá ser vista como meio utilizado pelo homem para continuar

perpetuando as diferenças de gênero, conforme nos alerta COCKBURN (1988 : 100 ):

“ Los hombres, como sexo-dominante un sistema de sexo-gênero que es tan material como el sistema de poder de clase, tienen un interés creado en mantener el control de todos los medios de poder, entre ellos la tecnología. ”

Diante desse quadro, torna-se necessário observar outras onde as mulheres se encontram envolvidas seja pelo plano afetivo, seja pelo plano biológico; sem dúvida alguma, a meia-idade é um espaço privilegiado para esse olhar.

## 1.5 - A Mulher e a Meia-Idade

Historicamente, a meia-idade é um período relativamente novo acrescentado à vida de cada pessoa. Esse acréscimo pode ser creditado às conquistas técnicas e que nos deram resultantes concretas quando se transformaram em melhores condições de vida, alimentação, moradia, e conquistas no campo da medicina e também na área social.

De acordo com NERÍ (1993), o termo meia-idade apareceu pela primeira vez no final da década de 50, quando alguns países como a Alemanha, França e os Estados Unidos estiveram às voltas com mudanças populacionais que já chamavam a atenção para o envelhecimento da população desses países. Fatores como diminuição da taxa de mortalidade e o vazio populacional na faixa correspondente às baixas masculinas durante a II Grande Guerra eram apontados como sendo as possíveis causas para esse envelhecimento populacional. Além disso, eram os tempos da guerra fria, onde conflitos ideológicos, políticos e econômicos entre os Estados Unidos e a

antiga União Soviética culminaram com o lançamento do primeiro satélite artificial no espaço. Era o ano de 1957 e os soviéticos lançaram o Sputnik.

A resposta dada, ao menos em parte, pelo mundo ocidental a essas conquistas tecnológicas, num primeiro momento, estiveram centradas na reforma do sistema educacional norte-americano e no apelo feito aos psicólogos cognitivistas para que aprofundassem suas pesquisas para melhor compreensão e intervenção nas capacidades infantis. Com isso, foi reconduzido às universidades um contingente formado em sua maioria por mulheres na faixa dos quarenta anos.

“Este último fato criou para a psicologia do desenvolvimento o desafio de compreender as características dessa novíssima clientela que, logo em seguida passou a ser designada como de ‘meia-idade’, uma categoria etária até então inexistente na sociedade.”  
( Rossi, 1980 apud NERÍ, 1993 : 33 )

A meia-idade passou a ser um termo que designa o período da vida do adulto onde ocorrem as mudanças, as transições. Entre elas podemos destacar, dentre outras:

“ dificuldades no casamento e na educação dos filhos jovens e adolescentes; sensação de inutilidade, de vazio inexplicável; tédio em relação as coisa que eram estimulantes; temor de assuntos financeiros; cansaço e fadiga; depressão; reconhecimento da universalidade do envelhecimento; problemas de saúde.”  
( White, 1987, apud MARTINS DE SÁ, 1996 : 33 )

Mais adiante a autora nos remete a situações que explicitam também as vantagens que a meia-idade pode proporcionar a saber:

“ corresponde à época da realização plena do que foi preparado anteriormente; é a fase em que se alcança o nível máximo de produção; a consciência da brevidade da vida permite o repensar das prioridades; a maturidade da meia-idade traz respeito e confiança por parte das demais pessoas; a experiência de vida constrói um banco de sabedoria

pe~~s~~soal insubstituível; o crescimento dos filhos permite que se aprenda com eles, numa relação de troca.” ( op. cit. : 34 )

Os estudos sobre o desenvolvimento psicossocial do adulto foi grandemente influenciado por Erikson através do modelo epigenético, que relaciona o desenvolvimento do adulto ao longo da vida através de oito estágios.

“ Esta concepção do desenvolvimento psicossocial relaciona a confiança infantil com a integridade adulta, afirmando que as crianças sadias não temerão a vida se seus entes mais idosos tiverem integridade suficiente para não temer a morte.” ( Erikson, 1963, apud CARMO, 1985 : 5 )

No quadro a seguir podemos visualizar como foram propostos os estágios e as crises no modelo epigenético de Erikson.

Quadro I: O Modelo Epigenético de Erikson

Idade	Conflito típico da qualidade do ego, envolvendo uma crise	Valor emergente	Elementos constitutivos da sociedade
1. Fase bebê	Confiança x Desconfiança	Esperança	Religiões organizadas
2. Infância inicial	Autonomia x Vergonha e Dúvida	Domínio	Princípio da lei e da ordem
3. Idade brinquedo	Iniciativa x Culpa	Propósito	Moralidade
4. Idade escolar	Trabalho x Inferioridade	Competência	Tecnologia
5. Adolescência	Identidade x Confusão de Papéis	Fidelidade	Ideologias
6. Idade adulta inicial	Intimidade x Isolamento	Amor	Afiliação
7. Maturidade	Geratividade x Estagnação	Cuidado	Criação, transmissão cultural
8. Velhice	Integridade x Desespero	Sabedoria	Memória, sentido de transcendência

Fonte: NERÍ, 1993

**Segundo** este modelo epigenético, os anos de vida adulta estão cobertos pelas últimas três fases e correspondem à resolução de três crises.

Na **idade** adulta o conflito é visto envolvendo intimidade e isolamento e a **escolha do** parceiro heterossexual; estabelecimento de relações íntimas e produtivas é a resposta afirmativa para essa idade.

Na **maturidade** o conflito é visto envolvendo geratividade e estagnação. A **superação** do conflito ocorre de modo positivo não somente através da **geração de** filhos e da sua criação, mas também através da integração com o mundo do **trabalho** e o da vida social.

Na **velhice** o conflito é visto envolvendo integridade e desespero; a **superação de** modo positivo ocorre quando é possível assumir a **responsabilidade** da transmissão de modelos de valores para as gerações mais novas. ( NERÍ, 1991 )

Outra teoria que merece atenção é a de Daniel J. Levinson, denominada “Estações da Vida ” e que surgiu em 1978. O ponto de partida para ela foi um estudo transversal feito com quarenta executivos e profissionais liberais entre 35 e 45 anos. A teoria de Levinson é centrada na evolução do conceito de ‘estrutura de vida ‘. É dessa forma que NERÍ ( 1993 : 35 ), chama nossa atenção para este conceito:

“ As relações interpessoais (com pessoas, grupos, instituições, cultura, objetos ou lugares culturais), são o principal componente da estrutura de vida. Mediante essas relações as pessoas realizam seu self, papéis e expectativas; constituem o auto-conceito e a auto-estima e são reconhecidos como adultos. Sempre há relações centrais ( no máximo duas, por exemplo casamento/ ocupação) e outras periféricas, a partir das quais se define o curso de vida. ”

Esses padrões encontram aliados poderosos em nossa sociedade através da família, igreja, escola e meios de comunicação , que exercem controle sobre a vida das pessoas. Estar integrado a uma geração é estar “em dia” com ela. Esse modo de expressão pode estar indicando que os acontecimentos

esperados **como** casamento, emprego, nascimento do primeiro filho, balizam o curso da **vida** do indivíduo, assim como os não esperados como divórcio, acidentes, **mudanças** ou perda de emprego.

Para **os** dias atuais, a mulher<sup>4</sup> que se casou aos vinte anos e teve filhos nos **primeiros** anos de casamento, isto é, antes dos trinta anos, terá **aproximadamente** cinquenta anos quando os filhos estiverem saindo de casa, seja para **estudar**, seja para trabalhar. Fraldas, pediatras, malhas de ballet, aparelhos **ortodônticos** “deles” ou “delas” já ficaram para trás há algum tempo. Há **um** certo alívio por parte dela ao ver estas tarefas serem **diminuídas**. Essa mulher terá, então, um tempo aproximado de mais de duas décadas **de vida**, onde a redefinição de papéis deverá estar presente. Entre estes **papéis** estarão possivelmente alguns novos, como os de sogra e avó.

**Haverá** então a nova dinâmica familiar a ser praticada. Uma vida mais **independente** da família e a organização do tempo disponível. Essa mulher poderá **trabalhar** fora de casa, ou “voltar à universidade”, ou ambos, e como **conseqüência** provável desse tempo disponível, ela, fatalmente irá pensar sobre a **própria** vida.

Esse aumento na expectativa de vida das mulheres traz a necessidade de pensar **melhor** a mulher de meia-idade. Vista sob o aspecto biológico, o fato de estar às **vésperas**, ou de já ter iniciado o climatério, poderá definir como **terminada** a fase de procriar os filhos. Vista sob o aspecto psicológico e social, a mulher de meia-idade estará enfrentando as grandes mudanças sociais. Estas **aparecem** quando os filhos começam a deixar a casa; com a chegada da **minguada** aposentadoria própria ou do marido; com os pais já idosos que **requerem** mais atenção, além dos cabelos que teimam a ficar cada vez mais brancos.

Nesse momento há a possibilidade de ela, ao se reestruturar, formular questões do tipo: “o que foi que eu fiz com a minha vida? Ou, talvez, ainda estejam

---

<sup>4</sup>Este padrão é o encontrado nos estratos onde o poder aquisitivo está situado entre médio, médio alto e elevado, não sendo próprio entre os segmentos menos privilegiados economicamente, onde a dinâmica e a mobilidade familiar são diferentes.

tentando novas relações com os filhos ou em novas tarefas profissionais” (Levinson, 1978, apud NERÍ, 1993)

Considere-se que a data de nascimento de cada mulher seja:

“um indicador extremamente grosseiro para o envelhecimento, visto que este é um processo biológico, psicológico e cultural, a data do aniversário das pessoas é o principal critério utilizado para a determinação das categorias etárias” (NERÍ, 1991 : 79)

Assim sendo, se alguns indicadores podem ser utilizados para a demarcação do envelhecimento para as pessoas de modo geral, para a mulher, de um modo bem singular, podemos dizer que a aproximação do climatério é um evento fundador dessa nova etapa da vida.

O climatério tem início por volta dos quarenta anos de idade, variando de mulher para mulher, estabelecendo-se entre quarenta e sete quarenta e oito anos, como média previsível.

“O climatério feminino, erroneamente conhecido como menopausa, é um período de diminuição fisiológica da função ovariana, durante a qual existem alterações endócrinas, somáticas e psíquicas. Pode ser definido como uma fase de transição da vida reprodutora para a pós-reprodutora. É a transição entre a função completa dos ovários e seu estado de repouso. Não é um processo patológico e sim um acontecimento fisiológico.” (GUTIÉRIZ, 1992 : 15)

Menopausa, ainda, é assunto que gera muitas dúvidas, as quais a maioria das mulheres têm dificuldade de esclarecer. Parte disso é decorrente de preconceitos que a sociedade patriarcal teima em difundir, como associar menopausa à velhice, ou associar a perda de capacidade de reprodução à exclusão dessas mulheres da vida afetiva, emocional e sexual.

Ainda, e no que se refere à população feminina, no início do século a expectativa de vida da mulher americana estava em torno de 40 a 45 anos.

Talvez, ou por isso mesmo, menopausa seja associada a algo que demarca **fi m**. Menopausa era anunciada, ou melhor, eufemisticamente lembrada, **como** sendo “a passagem”. Aquelas que conseguiam fazer “a passagem” **ap**resentavam todos os sinais de envelhecimento precoce, dada a precariedade das condições materiais de vida. Este fato ainda é facilmente observável **em** nossas populações mais carentes inclusive nos dias de hoje.

Felizmente, as próprias mulheres saíram a campo para pesquisar sobre este assunto e pudemos observar algumas mudanças consideráveis nesse panorama **melancólico**. Vejamos:

“ As masoquistas ficam arrasadas com esta notícia. Mas o fundamento é científico: foi levantado que 25% das mulheres nem notariam a mudança se não fosse a progressiva redução das menstruações, 50% sentem uma coisinha ou outra, e só 25% têm todas as queixas protocolares ( súbito rubor do rosto associado a uma sensação de calor ), relações sexuais dolorosas ( porque a mucosa da vagina fica mais fina e menos lubrificada), problemas emocionais (nervosíssimo, irritabilidade, insônia).” ( HIRSCH, 1994 : 69 )

Sendo assim, 25% das mulheres que estão no climatério apresentam todos os sintomas relacionados com ele. Uma coisa é inegável: se o climatério traz desconforto que é real, é também junto com essas mudanças físicas que as outras mudanças sociais e psicológicas são vivenciadas - a síndrome do ninho vazio toma mais espaço em casa, ou o marido está às voltas com a profissão e, tudo isto junto, representa muito mais que a simples redução do estrogênio. O climatério acaba tendo muitos componentes; o meio ambiente onde vivemos é um deles.

A década de vida iniciada aos 50 anos é por excelência vivenciada pelas mulheres como a idade da menopausa. Enquanto a idade da menarca tem diminuído, a idade da menopausa não tem sofrido alterações relevantes. De acordo com Coope, citado por FARIA ( 1995: 7 ) : “ nas civilizações ocidentais as mulheres experienciam a menopausa com uma idade média de 51,4. Esta média não tem mudado nos últimos 125 anos. ”

NERÍ ( 1991 ) nos traz outra informação importante através do CENSO/1991 IBGE e mostra que o Brasil está envelhecendo. Com consequência, aumenta o número de pessoas em idade madura na população e isso trará o reaproveitamento desse contingente pela sociedade. Em 1981 cerca de 21 milhões dessas pessoas estavam inseridas no mercado de trabalho. Em 1991 já eram 31 milhões. E conforme coloca a autora: “ adultos e pessoas de meia-idade têm mais poder político que os jovens. ” ( NERÍ, 1991 : 81 )

Com relação a mulheres brasileiras em 1990, quando o Brasil apresentava 150.368 milhões de habitantes, 75.376 milhões eram mulheres e supõe-se que 8% delas estivessem no climatério. Esta porcentagem poderia chegar a 29% se considerarmos a faixa etária da população com mais de 45% anos. ( FARIA, 1995 )

A evidência de que a mulher de meia-idade é tema de relevância e significado para a sociedade está explicitada até pelos dados estatísticos: elas representam uma parcela significativa da população brasileira. Além disso, essa mulher na meia-idade vivencia um processo que a leva a ressignificar papéis e reconstruir sua identidade. Esse processo traz desconforto, como todo período de transição, porque conduz a relações novas que podem incluir desde a imagem corporal, o papel da mulher, os sonhos possíveis só para sonhar, e os sonhos passíveis de serem realizados.

A meia-idade é uma marca divisória na vida de muitos seres humanos, é a época onde podemos nos deparar com as oportunidades e escolhas que a primeira fase de nossa existência não nos proporcionou.

Dar um sentido à existência, por si própria, pode ser algo devastador ou extremamente gratificante, e aqui entra a visão de mundo que cada uma construiu através de anos de sua infância, e adolescência.

Cronologicamente, envelhecemos um ano a cada aniversário, mas o que significa ser uma mulher mais velha? Onde estão os limites entre a juventude e a meia-idade? A resposta bastante reduzida é a que diz que mulher mais velha é aquela que tem pelo menos dez anos a mais do que você tem agora.

E **emb**ora todos, mulheres e homens, marquem o dia do aniversário, o tempo **marca** diferentemente a ambos. Mulheres e homens chegam à meia-idade de **forma** diferente. O tempo e a mídia marcam mais intensamente os rostos **femininos**.

“**H**á uma mensagem insidiosa e confusa subjacente a este **novo** modelo de meia-idade. Você tem a permissão de **envelhecer**, mas não de parecer que envelhece; de viver, mas **não** de mudar”. (FREEDMAN, 1994 : 211)

Popularmente, o homem é referendado na meia-idade com um adjetivo bastante **conhecido**: charmoso, mesmo que neste charme estejam incluídos o crescimento do abdômen ou o rajar dos cabelos. É devido a padrões, sócio-culturais diferentes, de envelhecimento entre mulheres e homens que isso ocorre. Assim,

“As avaliações da masculinidade de um homem permanecem bastante constantes com o passar dos anos, enquanto se percebe que as avaliações da feminilidade de uma mulher baixam rapidamente entre a juventude e a meia-idade.” (FREEDMAN, 1995 : 219)

A mensagem da mídia é direta e objetiva: mulheres bonitas não parecem velhas, portanto é preciso atentar para o poder de sedução que os meios de comunicação usam para definir qual a aparência que cada uma deve exibir. Caso não se exerça essa atitude crítica perante a mídia, ela poderá definir qual parâmetro a ser obedecido quanto à aparência das pessoas. E isso pode gerar situações constrangedoras. É Freedman que nos diz:

“Somos colocadas em outra categoria pelos olhos dos outros. O que esses olhos nos dizem é que não vão mais nos refletir. Os olhos não estabelecem contato: eles olham e se desviam, como se tivessem visto um objeto inanimado.”  
(FREEDMAN, 1994 : 220)

O envelhecimento pode ser, e é visto, como positivo na meia-idade. A aparência física continua sendo importante para as mulheres mais velhas, mas

elas adquirem autoconfiança ao ultrapassar a meia-idade, e isso é determinante nesse período.

A pesquisa 'Amor Ao Corpo' confirma esta boa notícia. A imagem física está fortemente ligada à auto-estima, e, se esta última for elevada, a aparência real da pessoa será positiva, independente da idade cronológica.

(FREEDMAN, 1994:203-236)

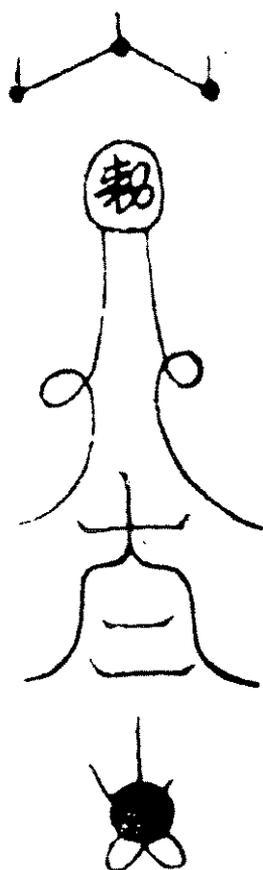
Mas quanto à pergunta: quando é que cruzamos a linha demarcatória entre a primeira e a segunda metade de nossas vidas? Ficamos com a resposta de BRENNAN & BREWÍ (1991:10) que apontam como linha divisória para a segunda metade da vida, ou meia-idade:

"o milagre dos momentos em que livremente escolhemos viver, aceitar a vida, ser humanos, aceitar a situação humana. Nesse momento de aceitação, ingresso na aceitação livre e incondicional de minha própria vida e de meu dever, passo a admitir as tensões, os paradoxos da vida."

Parece-nos, então, que, apesar de alguns indicadores para a meia-idade situarem-se cronologicamente, podemos dizer que a busca de algo que nos transcende é o que norteia esse processo denominado meia-idade. De início, esse processo pode ser detectado como insatisfação, desconforto ou descontentamento. No entanto, é sempre uma via de acesso para o enfrentamento corajoso daquilo que fomos e fizemos durante a fase anterior. Agora somos nós que dirigimos, através desse enfrentamento de nossas dúvidas anteriores. Não é mais o meio externo, nem as pessoas, nem as instituições que nos "nomeiam". Nós, em nossa década dos quarenta, iremos atravessar a linha demarcatória da meia-idade. Não é mais necessário escamotear o que não somos, e quem sabe... com o tempo, até possamos dizer como Paulo, o apóstolo dos gentios: "Em minha fraqueza está a minha força."

Parece-nos que, sem sermos exaustivos, ao recontar a história e incluir nela, as mulheres, há sempre um alargamento das fronteiras da nossa compreensão.

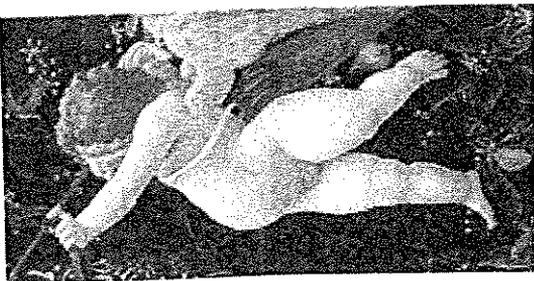
Passemos, pois, ao capítulo II, que trata da metodologia, e que pretende ser a urdidura de todo este trabalho.





## **CAPÍTULO 2**

**O sexo frágil  
Não foge à luta  
E nem só de cama  
Vive a mulher**



## Capítulo 2

### O percurso metodológico

A escolha de um problema intelectual para pesquisar não surge do nada. Tudo o que pesquisamos passou antes pela vida prática. Foi algo que nos impressionou em algum momento de nossa prática social ; está inserido num contexto real e é nesse contexto que procuraremos suas raízes e seus objetivos.

Assim, podemos dizer que o conhecimento tem um caráter aproximado, uma vez que passa pela interpretação do pesquisador e depende do momento histórico-social onde é construído e, conseqüentemente pertencendo a um determinado tempo.

“Isto é, o conhecimento é uma construção que se faz a partir de outros conhecimentos sobre os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida.” ( MINAYO, 1996 : 89 )

Para a compreensão da nossa temática elegemos a pesquisa qualitativa e estamos compreendendo-a como bem a define, MINAYO (1994 : 21)

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Esta opção metodológica começou a ser delineada com a escolha da bibliografia que utilizamos como suporte para início deste estudo. A maioria das autoras estudadas falava sob a perspectiva das ciências sociais, e como o

tema estava **en**volvido dentro das atividades humanas e sociais o caminho, ou melhor, a **meto**dologia teria que acompanhar esse movimento. É disso que nos fala LUNA ( 1989 : 32 )

“**As** decisões metodológicas são pura decorrência do **proble**ma formulado e este só se explica devidamente em **rela**ção ao referencial teórico que deu origem a ele.”

Partimos então do princípio de que o objeto desse estudo é histórico e vive num **deter**minado espaço cuja configuração e formação social são específicos. **Vivem** no presente com as heranças trazidas do passado, e projetam **para** o futuro os dados recebidos e que vão sendo reconstruídos na atualidade. “ ... a provisoriedade; o dinamismo e a especificidade são características fundamentais **de** qualquer questão social. ” ( MINAYO, 1994 : 13)

É importante lembrar que, neste tipo de abordagem metodológica, existe uma interação entre o sujeito e o pesquisador, o que equivale a dizer, que há comprometimento da pesquisadora com o trabalho realizado.

Entretanto, seria inverossímil assumirmos uma posição onde o descomprometimento estivesse presente de forma a posicionar a pesquisadora “do lado de fora “ do estudo proposto. Não concebemos a possibilidade de nos desvincularmos de nossa história de vida, dos nossos valores, crenças, ideologias e aspirações para, somente assim, tornarmo-nos pesquisadoras.

Antes, queremos que este posicionamento, ao ser assim colocado de modo visível, possa ser assumido com um fator que possa mininizar as nossas predisposições, e o quanto elas podem gerar de distorção num trabalho como este. Assim, como sugere DEMO ( 1987: 38 ) é um esforço no sentido de caminharmos para a objetivação.

“Objetivação significa o processo inacabável, mas necessário, de depuração ideológica da ciência, na busca de uma análise que seja a mais realista possível.”

Durante a realização deste trabalho, a forma concreta utilizada para se conseguir a objetividade-objetivação, ou seja o controle da subjetividade da pesquisadora, configurou-se através de longas discussões sobre o texto com várias leitoras diferentes, o que, além de enriquecê-lo, possibilitava-nos uma espécie de reposicionamento frente ao mesmo.

“ Na investigação social a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo se estabelece definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação. Trata-se aqui de uma condição da pesquisa que deve ser incorporada como critério de realidade e busca de objetivação.” ( MINAYO, 1994 : 15)

Neste estudo optamos pelo relato oral dado o interesse em verificar e remeter-nos a um determinado evento, onde a entrevistada está desenvolvendo uma participação efetiva, ou seja, é ela quem está percorrendo o tempo necessário para se graduar no curso escolhido após os trinta e cinco anos de idade.

“O relato oral está, pois na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; a palavra parece ter sido senão a primeira, pelo menos uma das mais antigas técnicas utilizadas para tal. ” ( QUEIROZ, 1988 : 16)

Dessa experiência de ouvir o indizível desvela-se a possibilidade de ouvirmos as vozes que nem sempre são ouvidas e também nos permite apreender sua essência. Isto significa assumir riscos e nós gostamos de assumi-los.

Entretanto, insistimos em que valores e emoções permeiam este modo de trabalhar qualitativamente, porém não o invalidam, como podemos observar através de outras pesquisadoras:

“Assim sendo, ao propor trabalhar com métodos nos quais a subjetividade é instrumento de conhecimento, devem ser levadas às últimas conseqüências as implicações dessa

postura. Portanto, por mais que procure captar dados “reais” e “objetivos”, o resultado é sempre uma interpretação, uma versão dos fatos, que poderá ser confrontada com outras. Assim, os esforços não devem ser mobilizados no sentido de anular as “interferências” da subjetividade, mas sim de conhecê-las e transformá-las em instrumento de conhecimento.” (TRIGO & BRIOSCHI, 1992 : 31).

A opção pelo relato oral, como instrumento de trabalho, também oferecia a possibilidade de através dele, as mulheres, sujeitos desta pesquisa, estarem vendo-se a si mesmas de outra forma: uma forma reconstruída no presente. Com isto, estamos querendo dizer que :

“O que é narrado é, praticamente, uma reconceitualização do passado de acordo com o momento presente. As pessoas não têm, em suas memórias, uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de construir-se uma versão do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente.” (KENSKI, s.d.: 109)

Trabalhar com os relatos orais assemelha-se à arte manual de tecer tapetes: é necessária uma urdidura que dê sustentação à trama onde cada ponto será amarrado. Ora, esses pontos, quando vistos em conjunto, é que formam os motivos do desenho. Em outros termos:

“É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. Esse relato fornece um material extremamente rico para análises do vivido. Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.” (CRUZ NETO, 1994 : 59)

Nesse sentido, gostaríamos de enfatizar que, mesmo quando da utilização de método quantitativo, os dados colhidos através de técnicas estatísticas também sofrem o mesmo processo de interpretação por parte do pesquisador; uma vez que os dados são apenas dados e é a partir dos constructos teóricos de cada pesquisador que se reconstroem os objetos de estudo.

Diríamos, então, que o dado não é dado de graça ao pesquisador, mas construído, como bem observam LÜDKE & ANDRÉ ( 1986 : 4 )

“Os fatos, os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador. Nem este os enfrenta desarmado de todos os seus princípios e pressuposições. Ao contrário, é a partir da interrogação que ele faz aos dados, baseada em tudo o que ele conhece do assunto - portanto, em toda a teoria acumulada a respeito -, que vai construir o conhecimento sobre o fato pesquisado.”

Nosso intento, então, através desta opção metodológica, é o de compartilhar a experiências das mulheres que estão cursando a graduação na PUCCAMP nos cursos de Pedagogia e Enfermagem .

Procuramos apreender esse momento através da entrevista, que representa o suporte para a coleta dos relatos orais. Assim, entendemos a entrevista em seu caráter de interação entre a pesquisadora e as entrevistadas.

Se a pesquisadora de início parece estar numa posição de superioridade, por ser ela quem toma a iniciativa para que a entrevista aconteça, isso não significa que à entrevistada caiba uma posição de submissão. Antes, disso, é dela que dependem as informações sobre o saber das experiências vividas, e que são o motivo do encontro.

Importante é que seja colocado que o clima que se criou no decorrer das entrevistas sempre foi o de estímulo e de aceitação mútua. Subjacente a ele poderia estar o fato de ocorrer identificação entre a pesquisadora e as entrevistadas em alguns níveis.

Neste momento, lembramo-nos de MOTTA ( 1998 : 38 ), que também se deparou com situação parecida ao realizar pesquisa com mulheres idosas:

“ Se, em alguns momentos, o reconhecer-me nelas foi o que possibilitou a ‘tradução’ de suas experiências, não tenho dúvidas de que foi o reconhecer-se em mim ( muitas vezes sem que eu pudesse compreendê-lo) que se criou uma identidade e uma confiança.”

Através das entrevistas observaremos o que emerge nas falas das mulheres envolvidas com a pesquisa, e essa é uma das vias de acesso à compreensão dos motivos que as levaram a retornar à universidade na atual fase da vida. E assim nos sustentamos em LÜDKE e ANDRÉ ( 1996: 21)

“Essas questões ou pontos críticos iniciais podem ter origem no exame da literatura pertinente, podem ser fruto de observações e depoimentos feitos por especialistas sobre o problema, podem surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao fenômeno estudado ou podem ser derivadas de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador ( ou grupos pesquisadores ).”

Quando iniciamos os movimento que nos conduziriam ao trabalho de campo, alguns passos foram seguidos:

a) dirigimo-nos ao diretório acadêmico central na Unicamp, onde verificamos não existir nenhum sujeito que estivesse dentro da faixa etária por nós referenciada nos cursos de Pedagogia ou de Enfermagem, durante o segundo semestre do ano letivo de 97.

b) encontramos na PUCCAMP os sujeitos que poderiam fazer parte deste estudo. Foi feito um levantamento na secretaria geral da universidade, que resultou numa lista com o nome das alunas que contemplavam as respectivas faixas etárias pesquisadas por nós, dentro das unidades de Enfermagem e de Pedagogia, onde seriam realizadas as entrevistas. Tínhamos, então, um universo inicial que constava de onze alunas da Enfermagem, e de seis alunas da Pedagogia, totalizando dezessete alunas.

Nosso passo seguinte: fizemos contato com a Diretoria da Faculdade de Enfermagem, que nos prestou um grande auxílio ao permitir o acesso às classes, para identificar as alunas da faixa etária procurada. O mesmo procedimento foi utilizado na Faculdade de Educação e, lá também, a Diretoria muito gentilmente permitiu o nosso acesso às alunas.

Estávamos iniciando o trabalho de campo !

Destes primeiros contatos surgiram duas alunas da Faculdade de Enfermagem e quatro alunas da Faculdade de Pedagogia, que aceitaram participar deste trabalho.

A representatividade deste número de sujeitos está referenciada em DEMARTINI, (1992), ao afirmar que, quando trabalharmos com relatos orais, até uma única entrevista - pesquisa com caso único - pode acrescentar novas hipóteses ao conhecimento disponível. Desta forma a autora recomenda-nos que:

“Não se trata, portanto, de abordar determinados temas apenas quando se tem um número de informantes significativos, mas, ao contrário, é preciso aproveitar toda a riqueza que pode existir a partir das formulações de um único ou de poucos informantes disponíveis.”  
( DEMARTINI, 1992 : 50 )

Pressuposto eleito, bibliografia revisada, começamos a coleta de dados, ou seja, demos início às entrevistas<sup>5</sup> semi-estruturadas,<sup>6</sup> que foram realizadas individualmente e que seguiam um roteiro. Também utilizamos o Diário de Campo. Nele, anotamos nossas impressões pessoais sobre a entrevista<sup>7</sup> realizada, como se deu o encontro, ou que fatos relevantes poderiam influir no momento do depoimento das entrevistadas.

“... isto porque todo estímulo físico, psicológico e social poderá alterar o encaminhamento do depoimento. O diário da pesquisa fornece materiais para que se reflita criticamente sobre a técnica utilizada.”  
( QUEIRÓZ, 1983 : 148 )

---

<sup>5</sup> - “ a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos.” ( CRUZ NETO, 1994:37)  
<sup>6</sup> - “ a entrevista semi-estruturada, ( é a ) que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” ( LÜDKE e ANDRÉ: 1986 : 34)

As **entrevistas** foram combinadas previamente entre a pesquisadora e as **entrevistadas**. O critério para esse agendamento procurou privilegiar sempre as **entrevistadas**, de modo a facilitar a entrevista e modificar o mínimo possível a rotina das **mesmas**. Para que isso acontecesse, a pesquisadora deslocava-se para a **Faculdade** de Pedagogia ou de Enfermagem, dependendo do local onde as **alunas realizavam** seus cursos.

A **técnica** para registrar a entrevista foi a utilização de um pequeno gravador **tipo** cassete. A escolha deste procedimento possibilitaria apreender a entrevista **de** modo mais fiel dispensando-nos de fazer anotações durante o desenrolar **da** mesma.

“A captação de informações, depoimentos, histórias de vida por meio de gravador representa, sem dúvida, uma ampliação do poder de registro dos pesquisadores.”  
( QUEIRÓZ, 1983 : 46 )

Logo após cada entrevista transcrevemos cada fita gravada à página escrita. Entendemos que, desta forma, o trabalho de análise dos dados ganharia em fluidez.

Durante a transcrição das fitas sentimos que muito da fala das **entrevistadas** ficava truncada. Eram momentos significativos para elas, onde a emoção permeava sua fala. Contar os fatos vividos permitia a essas mulheres reconstruírem parte de sua história, dando alguns sentidos à sua existência. E isso oportuniza o novo significado à vida, legitima o momento atual através das experiências vividas.

Foi pensando sobre isso que começamos a transcrever as falas das **entrevistadas** na forma de versos.<sup>7</sup> Entendíamos que só assim conseguiríamos justificar os silêncios, os interditos, as lágrimas e os risos... mesmo assim ainda

---

7” Daphne Patai em seu livro “Brazilian Woman Speak: contemporary life stories” citando Dennis Tedlock observa as distorções que podem ocorrer quando passamos da narrativa oral para histórias em prosa, uma vez que esta não existe fora da página escrita. Tedlock argumenta que a prosa não pode se adequar à linguagem oral, porque nela há o silêncio. Neste sentido, considera que as narrativas faladas são melhor entendidas como poesia dramática. “  
( apud Facioli. 1991 p.23 )

faltariam **OS** gestos, os olhares, a expressão corporal, que ficaram em nossa mente.

A **realização** das entrevistas aconteceu no mês de junho/97 para as alunas do **curso** de Enfermagem, e no mês de novembro/97 para as alunas da **Pedagogia**. Em princípio, as entrevistas conduzidas na faculdade de **Enfermagem** seriam consideradas “entrevista-piloto”, ou seja, uma forma de **colocarmos** em prática nosso instrumento. Entretanto, a pesquisadora **considerou** que as informações eram relevantes para o estudo em questão e **não seriam deixadas** de lado durante a pesquisa.

## **Os Sujeitos da Pesquisa**

Foram sujeitos desta pesquisa seis alunas da PUCAMP com trinta e cinco anos ou mais à época da entrevista. A identidade pessoal de cada uma delas será preservada ao longo deste trabalho, portanto usaremos as iniciais S1, S2, S3, S4, S5, S6, para designarmos as suas falas.

As estudantes de Pedagogia são em número de quatro, sendo que duas delas têm como ocupação somente o trabalho doméstico, S1 e S2, as outras duas, S3 e S4, trabalham como professoras.

Dentre as alunas de Pedagogia, S1 retomou os estudos na quinta série do primeiro grau, quando já era casada e estava com trinta e um anos de idade. Atualmente, ela tem quarenta e cinco anos e, até chegar à universidade precisou vencer alguns acidentes de percurso. Parou várias vezes de estudar, às vezes por falta de condição financeira para fazê-lo e também por conta da separação conjugal do primeiro casamento. S1 casou-se novamente, tem duas filhas do primeiro casamento. Uma delas tem vinte anos e estuda Nutrição, também na Puccamp, e a outra filha tem dezessete anos e cursa o colegial em

escola particular. O segundo marido, apesar de ser engenheiro, trabalha como professor de Matemática para uma escola de 2º grau. S1 tem quarenta e cinco anos.

S2 é casada, tem dois filhos. Um com vinte e quatro anos e a outra com vinte e dois que também já está casada. Formada em História pela PUC de São Paulo, em 1972, nunca lecionou. Das entrevistadas é S2 quem se apresenta como sendo “dona de casa tempo integral”. Voltou à universidade juntamente com o filho mais velho, que estuda Administração de Empresas, na Puccamp, desde 94. Por ser portadora de diploma de curso superior, S2 não prestou o concurso vestibular, tendo ingressado através da seleção de currículo pela Câmara Curricular. S2 tem cinquenta anos.

S3 é casada há dezenove anos, tem três filhos: duas filhas com respectivamente dezessete e quinze anos, e um filho com doze anos. É professora efetiva de inglês da rede estadual de ensino há vinte anos. É também técnica em Contabilidade formada, tendo trabalhado junto ao marido nessa área durante o tempo em que pediu afastamento do estado. No entanto, retornou antes mesmo de terminado o tempo de ‘afastamento sem vencimento’, decidida a continuar como educadora. S3 tem quarenta e três anos.

S4 é casada, tem quatro filhas. Professora da rede municipal de Campinas desde 86, essa é a primeira graduação que ela está fazendo. S4 prestou o primeiro concurso vestibular em 85, cursou o primeiro ano em 86 e teve que deixar a universidade no final daquele mesmo ano, pressionada por uma escolha difícil, colocada pelo marido: “ou você estuda, ou fica com a família...” Na época ela ficou com a família. S4 retomou os estudos universitários em 96, dez anos depois, com a família já crescida e com o marido (aquele mesmo!) também retornando aos estudos. Atualmente ele faz pós-graduação na área de Economia. S4 tem quarenta e sete anos.

S5 foi casada e teve uma filha do primeiro casamento, hoje com vinte anos, tem outro filho, do atual marido, com dezesseis anos. É técnica em laboratório, mas sempre trabalhou com auxiliar de Enfermagem, tem quarenta anos, é a mais nova das entrevistadas.

S6 **nunca** foi casada, vive com um companheiro, não disse há quanto tempo. Não **tem** filhos, mas tem muita vontade de tê-los. Trabalha como auxiliar de **Enfermagem** no Hospital Municipal Mário Gatti, é a sua primeira graduação, **tem** quarenta e quatro anos.

As **duas** estudantes de Enfermagem, S5 e S6, trabalham em hospitais públicos **como** auxiliares de enfermagem, S5 no hospital da Unicamp e S6 no hospital **Mário** Gatti.

**Como** pudemos observar, no curso de Pedagogia havia duas alunas que já tinham **graduação** anterior, sendo uma delas formada em História e a outra em Letras; **no** entanto, para as demais entrevistadas, esta era a primeira graduação. **Quanto** à atuação profissional somente duas não estão trabalhando, exercendo as funções de “mãe e dona de casa em tempo integral”.

**Quando** as entrevistas estavam em nossas mãos, já transcritas na íntegra,  **demos** o passo inicial para interpretá-las em sua lógica. Isto é, colocamos as questões do nosso projeto inicial de pesquisa ao lado de cada entrevista **para** verificarmos a necessidade, ou não, de serem reformuladas.

“ Entendemos que há necessidade de se estabelecer hipóteses iniciais pois a realidade não é evidente: responde a questões que teoricamente lhe são cobradas.”  
( MINAYO, 1996 : 210 )

Também fizemos uma leitura **exaustiva** dos textos das entrevistas. Neste momento, todo o trabalho podia ser visualizado, embora ainda se apresentasse confuso. Se esta leitura nos permitia o contato direto com o material concreto do trabalho de campo, a urdidura teórica permitia-nos tecer os primeiros pontos. Daí o resultado ser algo reconstruído e sempre novo, num vir a ser que traz imbricações cada vez mais amplas no processo de conhecimento.

“A pesquisa social trabalha com gente, com atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo.”  
( MINAYO, 1996 : 105 )

Enquanto realizávamos as leituras, dividimos cada texto de acordo com os conceitos apresentados. Ou seja, de cada entrevista recortávamos o que havia de comum com as outras e juntávamos aqueles recortes um ao lado do outro. (Conseguimos metros e metros de papel). Muitas vezes recorremos às anotações feitas no diário de campo. Daí, o caos inicial começou a dissipar-se.

Retornamos, então, aos objetivos iniciais deste trabalho: verificar qual o motivo que levou a mulher de meia-idade a retomar os estudos de graduação; identificar junto a ela quais os limites e quais as possibilidades que estavam a sua disposição fosse na academia, na família ou na sociedade.

Comparando estes dois grandes momentos deste trabalho, a saber, os objetivos aqui propostos com o material que emergia das leituras realizadas anteriormente, mais os “recortes” das entrevistas surgiu um quadro mais geral e que veio dar origem a três categorias denominadas conforme segue:

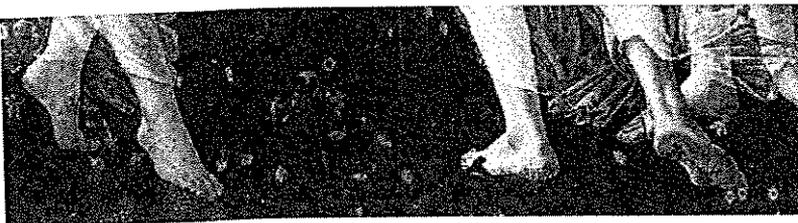
- a) das possibilidades de frequentar um curso de graduação;
- b) conflitos e desafios vivenciados;
- c) de como um desafio leva a outro.

Esclarecemos que, neste momento, farão parte deste trabalho somente estas três categorias. Elas não esgotam o assunto e, com certeza, ainda produzirão outros desdobramentos temáticos. Já é tempo, então, de passarmos ao capítulo III, onde estas categorias promoverão o acesso às falas das entrevistadas, iniciando a discussão dos dados.



## **CAPÍTULO 3**

**Mulher é bicho esquisito  
Todo mês sangra  
O sexto sentido  
Maior que a razão**



## Capítulo 3

### **Análise e discussão dos dados**

Neste momento analisaremos as categorias que surgiram durante o processo anterior, ou seja, o da leitura dos textos das entrevistas e das comparações entre o material recolhido no trabalho de campo e o referencial teórico utilizado. Este processo encontra-se detalhado no capítulo referente à metodologia.

Ao ouvirmos as vozes das mulheres entrevistadas, iniciamos um movimento que nos conduziu à análise das seguintes categorias:

#### **A) Das possibilidades de frequentar um curso de graduação**

Anteriormente dissemos que, se o início da meia-idade pode trazer desconfortos ou descontentamentos para as mulheres, poderia ser visto também como uma via de acesso a uma reorganização das fases da vida já vividas anteriormente. E é deste ponto de vista que as entrevistadas em alguns momentos fizeram uma espécie de balanço contábil das experiências vivenciadas por elas, constando que nas colunas de débito e crédito nem sempre havia um equilíbrio. Parecia a elas serem credoras da própria vida vivida e, como tal, resolveram preparar-se para outra jornada: receber este crédito através da graduação.

Foi pensando assim que agrupamos nesta categoria os acontecimentos que foram lembrados pelas entrevistadas como sendo importantes para que esse retorno à universidade fosse possível.

Dentre eles pudemos verificar que, com o crescimento dos filhos, o tempo a eles dedicado poderia ser desfrutado de forma a privilegiar o espaço pessoal de cada uma

delas. Começa a **haver** uma nova organização do tempo dentro da família. Manifesta-se aqui um dos **fatores** que podem disparar o processo de retorno aos estudos na meia-idade. Sobre esse **aspecto**, eis como se manifestam algumas das entrevistadas:

S2: “os filhos crescem...  
a gente fica em casa:  
é um vazio muito grande.”

S5: “E agora que eu senti que eles já estavam numa idade,  
já ... prontos para se virarem um pouquinho sozinhos...  
aí eu decidi, não ! acho que já está na hora, né ?  
Foi um processo lento, que tive que... vamos dizer,  
eu tive que ter consciência que eu poderia fazer isso.  
E eles tinham ... ã... asas, não !  
que eles tinham pernas para caminharem sozinhos.  
Que eles não estavam tão dependentes de mim...”

Mesmo que o processo seja lento, como pontifica S5, ele acaba florescendo. Pode parecer a muitos que o sonho de si-mesmo foi deixado de lado, mas não, a mulher de meia-idade, ao retomar a graduação, faz isto com uma decisão firme. É um tempo onde se sabe onde se quer chegar.

A frequência diária a um curso de graduação proporciona crescimento intelectual, através dos desdobramentos que acontecem em cada disciplina estudada, e crescimento pessoal, através do contato com as pessoas que frequentam a universidade.

Vejamos se quem vive a experiência tem clareza da situação :

S2: “ Na época eu estava com quase quarenta e cinco anos,  
vê se eu tinha potencial ... prá mudar minha cabeça...  
prá... ã ... ã... ver coisas diferentes,  
sair daquelas quatro paredes  
onde eu me encontrava.

Um pouco **mais** adiante ela continua dizendo estar satisfeita com os resultados conseguidos: ela **se percebe** modificada, com o reconhecimento obtido

S2: “o resultado foi positivo, eu me senti valorizada,  
a minha alegria acabou contagiando também...  
as pessoas que estavam ao meu redor.

De uma inútil que eu estava me sentindo  
eu passei a me sentir uma pessoa útil, produtiva,  
capaz, me senti rejuvenescida por dentro,  
coisa que eu não estava sentindo antes!

A ocupação de outros espaços converge para que a satisfação pessoal seja possível em outros níveis, o que antes, para algumas das entrevistadas, restringia-se unicamente ao nível do lar. Por outro lado, a preocupação com as próximas gerações, fossem elas representadas pelos próprios filhos, pelos alunos ou pela sociedade de modo geral, estava presente quando elas demonstravam preocupação em transmitir a elas suas próprias experiências. Este modo de pensar confere importância a passagem dos saberes apreendidos por elas para as gerações futuras e isto se consegue nos espaços sociais recentemente conquistados.

S4 refere-se a esta preocupação com relação aos seus alunos e deixa entrever, em sua fala, a mudança da perspectiva anterior à graduação :

S4: ..... há uns doze ou quinze anos atrás,  
eu seria capaz de olhar para os meus alunos  
e dizer assim: Ah! não aprende ... porque...  
é muito pobre ... a família não liga ... né...  
Eu era descompromissada, até com eles  
porque eu não conseguia me envolver.  
Então, de repente, eu começo a ver que  
eu posso melhorar aqueles valores com que eu trabalho,  
então vai valer a pena sim.....

Segundo o modelo epigenético de Erikson, a evolução do ciclo de vida humana e a evolução das estruturas das sociedades humanas ocorrem de forma interdependente. E na maturidade o conflito que se instala no indivíduo em decorrência destes dois eventos pode ser resolvido satisfatoriamente quando, além da geração e criação dos filhos, acontecer também a integração com o mundo do trabalho e com o da vida social. Isto é geratividade e a estamos compreendendo conforme NERÍ, 1991, tão bem explicita:

“ A geratividade corresponde não só a geração e à criação de filhos, como também à inserção produtiva no mundo do trabalho e na vida social. Outro aspecto importante seria assumir a responsabilidade pela transmissão de modelos de atuação e valores às suas gerações mais jovens, no sentido de “passar a tocha” à geração seguinte. Para se reconhecer e ser reconhecido como adulto maduro, a pessoa deve corresponder a essas expectativas. “  
(NERÍ, 1991: 90)

Para as entrevistadas, essa interação já tem acontecido dentro do ambiente familiar, onde as relações entre os filhos tiveram significativas mudanças, através, possivelmente, do modelo, até então inexistente dentro de casa, da mãe que estuda e se prepara para assistir às aulas.

S4 nos fala de uma conversa entre a filha e uma colega de sala de aula:

S4: Nossa ! mas a tua mãe estuda, né .  
aí a minha filha disse:  
Não!... a minha mãe é muito estudiosa,  
ela gosta mesmo, e quando ela senta... é prá valer.  
Então, aquilo assim... eu percebi ... as crianças...  
as mocinhas minhas... eu vejo que prá elas  
tem sido muito bom, e até tem sido ... um exemplo...  
... assim: verem a mãe estudando.  
Tem dado até um pouco mais de estímulo...  
prá elas estudarem também, .... prá elas se empenharem.

E, no relato de S6, encontramos a preocupação de “passar à frente” o conhecimento adquirido para os que virão depois. Vejamos:

S6: Quero fazer a licenciatura, né.  
 Porque quando a gente aprende é prá passar.  
 Porque quando a gente sabe alguma coisa  
 não pode guardar prá gente.  
 Tem graça..... eu aprender um monte de coisa ...  
 só prá mim ?!

A universidade é vista como um possível espaço onde se instrumentaliza o aluno, para que a prática profissional possa ser melhor exercida. Foram essas as refências de S5 e S2, ao relacionarem os fatores preponderantes para a volta aos estudos.

S5: “E também na parte minha de lecionar,...  
 o magistério... eu parei um pouco.  
 Fiquei estagnada, me sentia muito assim,  
 precisando de uma renovação na minha parte curricular...  
 assim nos estudos, eu sentia muita falta disso. “

S2: “Ah! o ano passado... mas na minha escola...  
 tenho muitas amigas, eu acho que eu era a única  
 que não tinha faculdade, o resto todo mundo tinha, e ,  
 - “ você precisa fazer, olha você está ficando prá trás.”  
 A minha prática tava ficando... vamos dizer assim...  
 não estava boa, ... eu não estava satisfeita com o meu trabalho,  
 eu precisava fazer alguma coisa... “

Embora a **educação** faça parte do desenvolvimento econômico de uma sociedade, ela representa **também** uma via de acesso para um mundo melhor, seja isso relacionado ao “desfrute da **vida**” ou aos processos democráticos de um povo. É disto que nos lembra GALBRAITH, 1996:82:

“ ..... a **sociedade** justa não pode aceitar que a educação moderna esteja **basicamente** a serviço da economia; ela tem um papel político e social maior, uma **justificativa** ainda mais profunda em si mesma. (...) a educação torna possível a **democracia** e, junto com o desenvolvimento econômico, torna-a **necessária**, até inevitável. Além disso, oferece ainda outra recompensa. A **Educação** propicia, acima de tudo, o engrandecimento e o desfrute da vida. ”

Como **vimos** até agora, as entrevistadas falam de situações onde eram favorecidas pelo alívio do **cumprimento** de algumas das tarefas sociais a elas destinadas e sentiam despertar, **dentro** de cada uma, um movimento que as impelia para um local no mundo “além das quatro paredes”, neste estudo representado pela universidade. Falavam de um certo lugar onde elas poderiam experimentar : “ .... ver se eu tinha potencial ... prá mudar minha cabeça...”

Foi pensando nisso que a análise de uma outra categoria começou a emergir neste estudo sobre mulheres de meia-idade que freqüentam a universidade.

## **B) Conflitos e desafios vivenciados**

Esta categoria pretende mapear as diversas situações com as quais as mulheres entrevistadas depararam-se durante o tempo da graduação e que exigiram delas uma definição em relação à situação vivida. Mais que uma definição, diríamos que essas mulheres tiveram que selecionar as situações nas quais queriam estar. O conflito aparece porque, ao escolher uma situação para se viver, imediatamente todas as outras ficam

excluídas, pelo **menos** por um tempo. E este era o ponto crucial: selecionar, incluindo a si mesma nessa **escolha**.

Dentro de **casa**, essa condição de selecionadora não é percebida, mas vivida intensamente **através** do ordenamento das dezenas de tarefas que se estabelecem no corre-corre diário, **uma** função altamente seletiva. Há que se saber e separar quais os trabalhos e em **que** ordem deverão ser feitos. Isto é selecionar. As mulheres passam uma grande parte de **suas** vidas separando, diferenciando e ordenando criativamente, porém isto pode ser **desconcertante** quando as possibilidades apresentadas incluem variáveis onde elas estão **diretamente** envolvidas.

Esses momentos poderiam ser lembrados, na fase atual de vida de cada uma delas, como sendo: **conflitos** conjugais; conflitos no ambiente de trabalho; ambiente familiar ameaçado pelos **questionamentos** dos filhos; cuidados com os pais idosos, entre outros.

Outro **desafio** também representado para a maioria delas estava no enfrentamento de **suas** fragilidades na universidade. Com isso, queremos dizer que elas estariam mais **expostas** ao convívio social com todas as especificidades que ele traz : aumentavam os **riscos** pois teriam que, em algum momento da vida acadêmica, confrontar-se com algumas das práticas estabelecidas anteriormente. Para aquelas que já trabalhavam como professoras , o confronto entre a prática estabelecida e a teoria adquirida mostrava que aluno pode aprender “mesmo sendo pobre, ou a família não ligando”. E isso para elas representava uma revolução coperniana: do aprofundamento da teoria e do repensar a prática ocorria uma mudança no trabalho desenvolvido junto aos alunos em decorrência do aprofundamento da teoria e do repensar a prática.

O curso de graduação trazia uma preocupação comum: capacidade para aprender e relacionamento com colegas mais novas, e isso se traduzia como uma certa timidez:

S2: “Eu vim com muito medo.

Pensei comigo:

vou conviver com colegas

que têm idade prá serem minhas filhas !  
Cheguei um pouco tímida.... fundo de sala ... sem falar.

No entanto, as entrevistadas demonstraram bom nível de aproveitamento escolar. Na compreensão que elas demonstraram, isto poderia ser creditado ao entusiasmo-dedicação às horas de estudos e, aliados a eles, as experiências vividas anteriormente.

S2: Inclusive foi surpreendente prá mim,  
o resultado das minhas provas.  
Eu sempre tive .... e estive...  
entre as melhores .... ã ... alunas da sala.

S 1: Eu senti assim: com as amigas,  
em momento algum, eu me senti inferior a elas,  
ou com vergonha da idade.

O meu problema era outro... assim comunicação,  
era encarar a professora, era ir à frente...  
apresentar um trabalho, entendeu ?  
Mas no meio das colegas não !

Esta situação se traduz através de uma fala tímida, hesitante; é a fala do feminino fora do seu universo; parece dificuldade de fala, porém reflete uma outra, a de estar fora de seu ambiente.

Sobre este aspecto OLIVEIRA, ( 1993 ), lembra-nos que:

“ O fio do discurso pelo qual as mulheres justificam o silêncio ou, no melhor dos casos, o medo da palavra em situação pública, percorre um caminho de representações que parte da percepção do espaço público como rigoroso e exigente, regido pelo saber instrumental; leva à associação desse

saber à linguagem conceitual, e finalmente, à identificação desta com o masculino. **F**orma-se assim uma cadeia de associações que faz com que as mulheres, **para** se protegerem de um possível fracasso em relação às expectativas que elas mesmas construíram, abdicuem do direito de se exprimir”. ( p.79 )

Os desafios do relacionamento com as colegas mais jovens, o desempenho escolar satisfatório e até o falar em público, com o passar do tempo, foram sendo vencidos. Transformados em experiências exitosas, servirão como suporte para os desafios futuros.

Dessas experiências, temos a ressaltar que S3 tem a representação da sala desde que iniciou a graduação e, com isso, sente-se à vontade entre seus pares.

S3: Eu sempre fui muito jovial,  
muito brincalhona. Tanto é ...  
eu tenho a representação da sala.  
Eu sempre fui eleita.  
Eles nunca quiseram mudar de representante !

S3 credita essa liderança às suas características, digamos, femininas, ou seja: ela se apresenta como sendo jovial, acolhedora, brincalhona. Sendo assim, talvez possamos antever um modo de-ser-feminino, que recusa o mimetismo masculino de liderança que vem pautado pelo saber instrumental, e afirma o que lhe pertence como maneira de estar no mundo, ou seja, um saber relacional. É disso que nos fala OLIVEIRA:

“Os saberes femininos se apoiam na experiência, desconfiam do teórico, que aparece às mulheres como sedutor e ao mesmo tempo pouco confiável. Essa desconfiança em si não teorizada, mas vivida de maneira obscura, mais sentida que pensada, mais experimentada que afirmada. “  
(OLIVEIRA, 1993:79)

Como se vê, não foi impunemente que as entrevistadas fizeram suas incursões pela **graduação**. Desafios maiores foram os representados pelos obstáculos encontrados dentro da família e dentro delas mesmas.

Em relação aos conflitos vividos dentro da família, estariam aqueles que as ligavam ao **cuidar** dos filhos. Era necessário esperar e observar para, depois de dezoito ou vinte anos, perceber-se que:

S4: ... o nosso casamento entrou em crise.  
 Aí, isso ... foi mais perto de outubro,  
 ... ele me pos em xeque-mate:  
 “ou você estuda ou você fica com a família.”  
 E meu pai, muito ponderado, né...  
 achou que eu devia pensar e ... fazer um balanço.  
 Então, eu optei, lógico... no momento...  
 foi a opção: ... a opção foi a família !

Deste ponto avista-se o estreitamento dos horizontes que foram colocados às mulheres que se envolveram com o presente trabalho. Dentre elas, S4 sentiu com mais intensidade a força do preconceito machista que ainda medra na nossa sociedade, em muitos dos seus segmentos, em plena virada do milênio, a saber: no que se refere à mulher, casamento, filhos, os homens ainda, como atores principais, definem que outros papéis as mulheres podem desempenhar em suas vidas, e quando. Como vimos a contrapartida da saída da mulher de casa sugeriria a presença mais constante do homem na casa; isso, porém, sequer chega a ser cogitado como possível. É mesmo uma pena que isto ainda aconteça nos dias de hoje. É dentro desse contexto que citamos GRISCI (1995 : 16) :

“ Assim, ideologicamente, ser mãe não é só gerar, mas também não é só criar, o que torna a mulher-mãe vulnerável à ideologia: sem filhos, está em falta

com sua **natureza** de mulher, uma vez que não cumpriu sua função biológica; com **filhos**, fica comprometida como exclusiva criadora “.

Diante **desse** quadro, ou seja, o desafio que representou o retorno aos estudos para S4, o que **veio** à tona para discussão é o fato da mulher ser mãe, e isso ainda direcionar a vida **da** maioria das mulheres entrevistadas durante um longo tempo.

Nossas **mais** antigas ancestrais obtiveram, através da maternidade, uma posição mais confortável dentro da sociedade onde viveram. Depois, com o advento do patriarcado **ficamos** mesmo só com as partes leves da vida, a saber: o tanque, o fogão, e as crianças.

Morgado (1986) vem nos alertar para essa situação, que ainda persiste para a maioria das mulheres que se casaram:

“Embora sejam levadas à profissionalização e à procura de um lugar nas universidades que lhes garanta um emprego melhor é, no entanto, considerado de extremo bom-senso que a mulher abandone o curso ou o cargo no momento em que **case** ou tenha filhos. “ ( 1986 : 32 )

É desse lugar que as entrevistadas nos falam:

S1: “ Depois, casei.

Aí que você dá uma parada mesmo.  
Porque os filhos vêm. Vieram as duas,  
e a diferença de idade é mínima...  
então ... abafa um pouquinho.

S2: “ Casei. Tive dois filhos. Morei dez anos no Rio.

Fui mãe..... dona de casa !  
Me desliguei completamente de qualquer vínculo profissional.  
Dona de casa tempo integral.

S3: “ Eu só constitui família  
e lecionei, no Estado.

Não estudei nada, absolutamente nada.

Parece  **muito** claro que ainda é um privilégio só das mulheres acompanharem o crescimento de  **seus** filhos, o que é uma pena, pois empobrece a vida afetiva dos homens. Pode mesmo ser  **resquício** do modo pelo qual as mulheres entraram no mundo do trabalho. Ou seja, num primeiro momento, acrescentando mais tarefas às suas jornadas, sem a  **contrapartida** do homem, que não ocupou os lugares criados no espaço doméstico por elas deixados.

“Uma geração inteira de mulheres, não obstante a ousadia de sua  **militância**, apresentou-se humildemente no mercado de trabalho em busca de reconhecimento enquanto pessoa. Para tanto essas mulheres tentaram provar a todos e a si mesmas que ser mulher, dependendo da mulher, poderia até não ser um  **defeito**. ” ( OLIVEIRA, 1993: 105)

Com relação à mulher casada surge aqui a figura do bom-marido. Este, como tudo o que é bom, pede tão pouco...

“Ele pede tão pouco - é a casa arrumada, os filhos cuidados, a comida que ele gosta na hora certa, a camisa passada na gaveta. Ele pede tão pouco - silêncio na hora do programa de TV, silêncio enquanto lê o jornal. Ele pede tão pouco... Como reclamar de tão santo homem ? É a cruz da mulher bem-casada - ter um bom marido chega a ser uma ironia. ”  
( MORGADO, 1986: 67)

Situação concreta que se assemelha muito com a de S5 que nos relata:

S5: “Então é assim, ele me apoiou,  
ele me apoiou bastante, entendeu ?  
Mas é assim : sem que isso ... interferisse nas coisas  
que eu servia ... a ele.  
Ao mesmo tempo que eu faço a faculdade,  
eu posso trabalhar, ... mas eu continuo ...  
fazendo as mesmas coisas.  
Tipo: não chupa uma laranja, se eu não descascar,  
as frutas ficam lá, perdem na geladeira.  
Eu tenho que jogar no lixo.  
Então, eu estou exausta, eu não dormi há trinta,

Então, eu estou exausta, eu não dormi há trinta, há quarenta horas, .... mas eu vou dormir depois ... que todo mundo jantar... “

Encontramos mulheres vivenciando vários papéis conflitivos que vieram à tona quando elas se propuseram a sair de casa para freqüentar a universidade. Ora, o conflito aqui é visto sob a ótica distorcida masculina, que imagina comodamente que a família ou serviços domésticos devam ficar sob a supervisão exclusiva da mulher.

Poderíamos lamentar o fato, não fosse ele nosso velho conhecido. De modo disfarçado vem à tona o machismo do homem brasileiro, contra o qual é preciso atentar. Empregamos a palavra machismo conforme definição de CARDOSO (1983 : 15)

<sup>1</sup> Machismo se refere a duas situações inter-relacionadas: de um lado, há uma situação social de domínio e privilégio do homem sobre a mulher nos aspectos econômico, jurídico, psicológico e cultural, de outro os mitos de superioridade do homem nos aspecto biológico, sexual, intelectual e emocional. Os papéis diferentes para ambos os sexos criam as condições objetivas para desenvolver normas, crenças e valores diferentes para ambos os sexos. No caso, da mulher, o ser mãe e esposa como tarefa e função máxima, cria determinadas condições objetivas que se exprimem na interiorização de valores e crenças: condições muito específicas das do homem. Esta cultura machista interiorizada por ambos os sexos reforça e reproduz a condição de que a maioria das mulheres não tenta outros papéis importantes na vida.”

Dizemos “disfarçado”, com bons motivos, porque, S5 mesma fala sobre o apoio recebido do marido como algo que não convence nem a si própria, enquanto S4 teve que optar pela família e deixar a universidade, só retornando dez anos depois, quando as crianças já estavam crescidas. Durante o intervalo entre a desistência da universidade e o retorno aos estudos, S4 conseguiu trabalhar meio período, o que segundo ela só foi possível : “porque eu trabalhava só de manhã, não interferia em nada, então... tava tudo bem ! “

Vale a pena buscarmos em CARDOSO (1981: 51 ) a medida para a nossa indignação:

“Precisa ser realmente muito forte para aguentar o machismo dos homens que consideram o trabalho doméstico de única responsabilidade da mulher e que, ao mesmo tempo, aceitam sua colaboração financeira, com o trabalho fora de casa. “

Ao caminhar neste estudo, fomos nos aproximando de uma outra categoria, que pretende agrupar os sonhos e utopias gerados pela conclusão da graduação, e que será chamada :

**C - De como um desafio leva a outro**

Aqui as entrevistadas discutem os fins e os objetivos pelos quais estão se empenhando na graduação e como possibilitar sua concretização. .

Essas mulheres, que já cumpriram o papel social a elas designado de mães-cuidadoras-de filhos-pequenos, sentem a necessidade de se expandir em direção ao mundo profissional através da capacitação proporcionada pela universidade.

Ao buscarem essas possibilidades manifestam-se assim:

S5: Quero ver se já no 4º ano vou fazer licenciatura.  
Porque segundo as meninas, eu tenho muita facilidade para ensinar !  
Elas não aprendem com a professora, aí eu sento .... elas aprendem. Entendeu ?  
A forma como eu falo .... Então eu pretendo ... fazer licenciatura e... fazer mestrado.

S4: Eu passei para o 3º ano.

Em princípio, pretendo quando eu terminar a Pedagogia,  
eu pretendo, eu quero ver, se eu faço  
um ano de docência superior.

Eu acredito que eu não vou parar não !

E daqui prá frente ...

eu quero buscar .... a ....

eu quero estar sempre atualizada ...

Eu quero continuar estudando.

Existem, portanto, aquelas que procuram na graduação a forma de estar se instrumentalizando para iniciar uma nova etapa da vida profissional, como nos falam S5 e S4 ; outras há que ainda não se definiram quanto ao ingresso no mercado de trabalho, porém, já o fizeram em relação à continuidade dos estudos. Vejamos:

S2: Olha, eu não gostaria de parar.

Por mim, eu faria uma especialização,  
que eu gosto mesmo é de estudar !

Até março pelo menos ....

eu vou descansar ... e a partir de março...

eu parada não ficarei. Não sei o que farei,  
mas parada eu sei que não vou ficar.

Não consigo mais voltar prá minha casa...

..... não consigo .....

S1: Ah! eu pretendo continuar estudando.

Tem desde fazer Psicopedagogia.

Não sei ainda, mas acho que vai ser  
por aí o caminho.  
Não pretendo parar tão já não.

S1 e S2, ao responderem que têm como objetivo imediato não parar de estudar e, portanto, que estariam mais interessadas, apenas, em aumentar conhecimento, podem estar com isso referindo-se a um tipo de negociação frente às contradições que, de modo geral, as mulheres enfrentam diariamente, seja no âmbito profissional ou familiar.

“Aumentar a cultura geral pode significar tanto armazenar conhecimentos gerais suscetíveis de se converterem em instrumento de trabalho profissional, quanto em utensílio no cotidiano doméstico: enquanto esposa, enquanto pessoa não profissional.” (ROSEMBERG, 1994:51)

Contudo, se é a contribuição econômica da educação que recebe enfoque maior nas discussões ao redor desse assunto, não podemos nos esquecer de que a educação também tem contribuído para que as pessoas compreendam o papel político e social de cada uma delas dentro de uma sociedade mais igualitária, permitindo também viver a vida de forma compensadora, positiva.

É deste modo que nos apoiamos em GALBRAITH:

“Na sociedade justa, a educação presta dois serviços adicionais e vitais. Um deles é permitir às pessoas se autogovernarem inteligentemente e o outro é permitir desfrutarem plenamente da própria vida.” (GALBRAITH, 1996: 79)

Ainda que **as** entrevistadas tenham demonstrado objetivar algo concreto, possível de ser realizado, **algumas** têm sonhos maiores, os quais chamam de utopia, e que deixaram entrever **numa** perspectiva mais suave, mais tênue.

Algumas **delas** se deixam-se levar pela emoção ao falarem sobre o futuro que, neste trabalho, **refere-se** ao término da graduação. No entanto, ao perceberem-se emocionadas, **riem** de si mesmas e, como num desculpar-se, dizem: “mas isso é só um sonho ... utopia mesmo, né !”

Novamente, são elas quem têm a palavra:

S3: Eu quero montar uma escola diferente.

Eu quero montar uma escola depois da escola.

Uma escola que articule filho e família, pai e filho ... sabe.

Porque as reuniões de pais e mestres ..... elas não .....

são suficientes ..... prá...

Então eu acho que depois da escola

a gente precisa de uma escola prá fazer essa articulação.

É isso aí .... Pretendo montar algo nesse sentido....

Tô sonhando. Isso é utopia. Eu não sei como posso

realizar isso..... mas é o que eu pretendo.

Pode ser um ano, um ano e meio, eu chego lá .....

S5: Sabe,... assim .... qual é a minha vontade mesmo ?!

uma coisa ... que eu queria fazer mesmo ... mas aí é utopia !

Eu queria assim ... conseguir fazer alguma coisa

pela Saúde desse nosso povo, entendeu ?

Alguma coisa, assim... eu sei que é sonho, é utopia,

alguma coisa que mudasse o destino desse nosso país

em relação à Saúde, em relação à Educação....

“ **utopia** é a descrição de um estado ideal da condição humana, pessoal e social, que não existe em nenhum lugar mas serve para relativizar qualquer tipo de sociedade, criticá-la e também impulsioná-la para que se modifique e se oriente na direção do ideal apresentado. A utopia representa a realização plena de virtualidades presentes dentro da vida. Neste sentido, o utópico pertence ao real, na sua dimensão possível e virtual. ” ( BOFF, 1997 b: 205)

Deste modo, podemos compreender que as mulheres envolvidas com este retorno aos estudos vivem um tempo muito profícuo. Elas tiveram-têm que refletir sistematicamente sobre si mesmas e sobre os outros. Disto resulta a seriedade e a confiança que vão adquirindo ao logo da jornada acadêmica. Percebem-se como seres humanos adultos e mostram-se críticas mesmo a respeito de seus sonhos possíveis.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Gata borralheira  
Você é princesa !  
Dondoca é uma espécie  
Em extinção...

4 –

## Considerações finais

No capítulo anterior ouvimos as vozes das mulheres entrevistadas. Essas vozes ecoaram onde elas se posicionaram e de onde vêm a si mesmas, e isso as conduz a uma reorganização mais profunda do que é ser mulher de meia-idade hoje.

Muitas delas referiram-se ao fato de estarem voltando aos estudos “como um presente que me dei”, numa alusão clara de que as coisas que lhes são caras dependem delas para serem realizadas. Isto seria uma visão ingênua da situação, não fosse ela um fio condutor que nos leva a algo que pode passar despercebido. Embora as mulheres continuem como as principais intérpretes na manutenção da Vida, através da gestação das crianças ou através da trama que se tece ao redor do cuidar delas em seus abrangentes aspectos, elas perceberam-se num tempo de vida onde são capazes de fazer suas próprias escolhas. Por isso, e somente depois de cumprir com esse papel social de mãe-procriadora-criadora, é que “o presente” é dado, e não antes, porque viria a transgredir algumas regras internalizadas por elas mesmas através de séculos de cultura.<sup>1</sup>

As mulheres aqui entrevistadas nasceram na década de 50, tempo de grandes transformações no mundo, em decorrência de todo o avanço tecnológico experimentado no século XX. E foi neste século que elas ocorreram de forma mais acelerada. Computadores vieram substituir a energia intelectual humana, o planeta globalizou-se e também o espaço sideral foi conquistado. Bem no epicentro deste furacão ficamos nós,

---

<sup>1</sup> Estas conclusões referem-se ao grupo de mulheres, que foram sujeitos deste trabalho, e que poderão ser utilizadas como referências para outros que tratem de tema semelhante, no entanto, não devem ser generalizadas.

mulheres e **homens**, com a difícil missão- quase- impossível de assimilar todo esse processo, que **começou** há duzentos anos atrás com a industrialização.

Como **este** é o tempo onde as mudanças estão se dando de forma acelerada, podemos ser **induzidas** a pensar que até uma cultura patriarcal de séculos poderá ser abalada com as **transformações** que estão ocorrendo<sup>2</sup>.

As **entrevistadas** deixam claro que aquele mal-estar indefinido ao qual referiu-se Betty Friedman como sendo o “ problema sem nome”, que acometia a maioria das mulheres **americanas** da década de sessenta, cresceu e irrompeu mundo afora, tomando várias formas. **Pensamos** que o retorno à universidade seja apenas mais um de seus aspectos.

Dentro **da** universidade as mulheres de meia-idade ganham distanciamento dos papéis **tradicionalmente** exercidos e percebem-se adquirindo novos saberes, que as qualificam **profissionalmente** para o mundo de hoje. Entretanto, esse novo olhar para o mundo **também** acaba causando um certo desconforto, na medida em que desinstala essas mulheres de **seu** meio geracional.

Como **vimos**, desde os mais remotos grupamentos humanos, as mulheres buscaram as **associações** e os relacionamentos e o modo do ser feminino apresenta-se como tendo as **características** do criar e cuidar. Desse modo feminino de ser é que podemos vislumbrar na universidade o ponto de tensão transformador para essas mulheres de **meia-idade**: ao se apropriarem do saber formal, acadêmico, elas o fazem de modo a **torná-lo** passível de ser concretizado. Ou seja, os saberes teóricos vão se juntando ao **saberes** da prática do cotidiano e, transformando a qualidade de vida daquelas que **dele** se apoderam.

Desta perspectiva PENNA ( 1989 :219 ) nos chama a atenção para o seguinte:

---

<sup>2</sup>O patriarcado, como o conhecemos hoje, teve origem nas sociedades agrárias, que existiram há dez mil anos. Ora, a nossa existência na Terra é de aproximadamente dois milhões de anos, o que dá ao patriarcado a representatividade de exatos 0,5% do nosso tempo de existência. Além disso chegamos a conclusão que ele não existiu sempre e nem existirá para sempre.

“ A tendência da instituição universitária é masculina em essência e em forma, por isto superenfatisa o racional e só consagra o lógico e o comprovado. As experiências interiores que decorrem da convivência geralmente ficam sendo mais importantes para as estudantes do que o conhecimento científico adquirido.” (PENNA, 1989: 219)

Então, se a história da mulher provém de uma base própria diferente do conhecido modelo masculino dominante, é bastante cabível que para elas o retorno aos estudos durante a meia-idade faça sentido quando este se organiza ao redor do eixo que representa esta sua capacidade de criar e desenvolver relacionamentos. A própria identidade de cada uma delas está ligada a este eixo criador. Portanto, podemos dizer que qualquer ruptura que envolve a relação poderia ser avaliada como ameaçadora por parte delas, daí o porquê de esperar “que os filhos crescessem e tivessem pernas para caminharem sozinhos”, uma vez que esta espera estaria também ligada a este eixo fundamental.

Cabe aqui ressaltar que, como alunas regularmente matriculadas na graduação, elas aceitam as condições que a universidade coloca como requisitos mínimos a qualquer de seus alunos. Dito de outra forma, elas terão muitas horas-aulas, mais o equivalente às horas de estudo em casa e isto sem que a rotina doméstica seja alterada, como vimos no capítulo anterior.

Também podemos concluir que apesar das dificuldades encontradas pelos caminhos, elas obtêm um bom desempenho escolar, o que confirma que a decisão de voltar aos estudos foi acertada e estabelece e fortalece os vínculos que se fazem durante esse tempo de academia.

Como consequência desse bom desempenho, a situação de muitas delas passa por uma elevação de auto-estima. Elas percebem-se como sendo capazes de aprender juntamente com as alunas mais novas, considerando-as como seus pares iguais; também sentem-se rejuvenescidas com este desafio, que garante o reconhecimento não

só da comunidade **de** estudantil, mas também daquela comunidade que ainda detém alto grau de importância para elas : a da própria família.

É **relevante** apontar que uma das entrevistadas disse textualmente que estava se sentindo uma inútil dentro de casa e que, com essa nova etapa de sua vida acadêmica, **houve** uma transformação significativa no modo de pensar a si mesma. Este é o ressignificar **papéis** que estávamos procurando desde o início deste trabalho.

**Efetivamente**, estas transformações objetivaram-se num segmento da população que **tem** uma perspectiva de vida mais longa e que estão mais apta para “desfrutá-la”. **Esta** é a razão porque, ao se reportarem ao mercado de trabalho, hoje tão aviltado e **incapaz** de atender à demanda da maioria dos trabalhadores, elas fazem-no de modo a **indicar** que estão na vanguarda deste processo. Inclina-se em direção à docência superior, **sem** excluir a docência no ensino de 2º grau , ao menos durante algum tempo, como **garantia** de experiência profissional e financeira em tempos difíceis como os nossos. E, **nessa** área, o fato de serem mais velhas que a maioria das formandas não chega a ser **empecilho** para admissão a cargos de professoras, ao menos nas escolas públicas, uma **vez** que os concursos públicos mantêm, como um dos critérios de desempate, o fator maior idade.

Ao longo deste estudo, mostramos que o espaço destinado às mulheres dentro de nossa cultura era aquele que o homem não queria ocupar, ou seja, um espaço de segunda mão. Disto advém a importância que os movimentos feministas tiveram em nosso meio, ao tornarem visível a invisibilidade da mulher. O visível veio a público na aparência de um ser humano capaz de transformar o quadro de adversidade que lhe foram impostas.

Utilizamos a palavra transformar porque ela nos remete ao significado de dar nova forma ou feição, sem contudo ter que mudar, o que implica um ato de remover algo ou tornar-se diferente do que se é. E, na meia-idade, não precisaremos escamotear o que não somos, daí o termo “transformação”.

“ Se as mulheres, que estão ocupando os lugares mais diversos no mundo dos homens, recusarem o mimetismo e afirmarem o que lhes pertence como maneira de estar no mundo e de perceberem as coisas, essa experiência as irá transformando e àqueles que com elas convivem e trabalham. ”

( OLIVEIRA, 1993: 74)

Comprendemos que há uma transformação em andamento dentro de cada mulher de meia-idade que volta seu olhar para a universidade. Com certeza absoluta esse novo ponto-de-vista trará a todas, e não somente a elas, uma perspectiva ao menos libertadora. E aqui ousamos citar Maquiavel em seu O Príncipe:

“ Não existe nada de mais difícil de se executar, nem de sucesso mais duvidoso ou mais perigoso, do que dar início a uma nova ordem de coisa; pois o reformador tem como inimigos todos os que ganham com a ordem antiga e como aliados apenas os que ganham com a nova ordem; mas estes geralmente são tímidos.”

As mulheres de meia-idade que freqüentam a universidade não nos pareceram tímidas, e de há muito tempo estamos precisados de uma nova ordem !

*Há um tempo novo nascendo  
O vento que sopra as nuvens  
arranja e rearranja novas alegorias...  
Céu azul... vento ainda frio.  
Primavera... recomeço  
Não há ponto final: é só um ponto.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: O Ponto De Vista Marxista**. São Paulo: Nobel, **1986**. 131p

AMADO, Ana M. A Estratégia Feminina Nos Sindicatos. **Revista Mujer Fempress**, Santiago,Chile. Coletânea 1989.

ANATRELLA, Tony. **O Sexo Esquecido**. trad. Paula Rosas. Rio de Janeiro: Campus, 1992. 272p

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 7ª ed. trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985. 352p.

BARROSO, Carmem. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. São Paulo, S.P.: Unicef e Brasiliense, 1992. 188p.

BOFF, Leonardo . **Ecologia - Grito da Terra, Grito dos Pobres - 2ª ed.** São Paulo: Ática, 1996a. 341p

\_\_\_\_\_. **O Rosto Materno De Deus**. 6ª ed. Petrópolis,RJ. 1996b. 265p

\_\_\_\_\_. **A Ave-Maria: O Feminino e o Espírito Santo**. 5ª ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1997a. 100p.

\_\_\_\_\_. **A Águia E A Galinha**. Uma metáfora da condição humana. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997b. 206p

BRANDÃO, Carlos R. (org.) **As Faces Da Memória**. Campinas: Centro de Memória Unicamp. s/d 114p

BRENNAN, Anne, BREWÍ, Janice. **Meia-Idade E Vida** : Oração e lazer, fontes de novo dinamismo. trad. Isa F. Leal Ferreira - São Paulo, Edições Paulinas, 1991. 222p. ( Col. Amor e Psique)

BRUSCHINI, Cristina. O Trabalho da Mulher no Brasil: tendências recentes. In. SAFFIOTI, Heleith, MÜNHOZ-VARGAS, Mônica (orgs.). **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos: 1994. 283p.

CARDOSO, Irede. **Mulher e Trabalho**: discriminações e barreiras no mercado de Trabalho. São Paulo: Cortez, 1980. 104p.

\_\_\_\_\_, **Os Tempos Dramáticos Da Mulher Brasileira**. São Paulo: Global, 1981.63p.

CARDOSO, Sonia M.V. **A Mulher Brasileira Hoje**: Características, e Contradições E Perspectivas Sociais e Teológicas. Piracicaba,SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 1983. 109p. ( Dissertação, Mestrado em Filosofia da Educação)

CAMARGO, Ana Maria Faccioli. **Histórias De Vida**: A aids e a Sociedade Contemporânea. Campinas, S.P.: UNICAMP, 1991 . (Tese de Doutorado)

CARMO, M. Teresa Báez do. **Aspectos Psicológicos Da Meia-Idade Em Mulheres Universitárias** . São Paulo, S.P.: Instituto de Psicologia da USP, 1989. 161p.

CHALMERS, A.F. **O Que É Ciência Afinal ?** trad. Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993. 225p

CHAUI, **Marilena**. **Repressão Sexual: Essa Nossa ( Des ) Conhecida**. 9ª ed.  
São Paulo : Brasiliense, 1985. 231p

CHAVES, **S.N.** **La Formación y El Desarrollo Profesional Del Profesorado**.  
Barcelona. Colección Biblioteca de Aula. Francisco Imbernón . 1996.

COCKBURN, Cynthia. Maquinaria de dominación: mujeres, hombres, y  
know-how técnico. In. **Sociologia del Trabajo**, Nueva Época, nº. 3,  
primavera de 1988. pp 91-103

CREA SÃO PAULO - Pesquisa mostra confiança nos conselhos. **Jornal do  
Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do  
Estado de São Paulo**. São Paulo, março, 1998. p.4

CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho De Campo Como Descoberta E Criação.  
In. MINAYO, M. Cecília de S.( org.) **Pesquisa Social - Teoria , Método e  
Criatividade**. Petrópolis, RJ- Vozes, 1994 79p.

DEMARTINI, Zeila de Brito F. Trabalhando Com Relatos Oraís: reflexões a  
partir de uma trajetória de pesquisa. In. LANG, Alice B.S.G. ( org.)  
**Reflexões Sobre A Pesquisa Sociológica**. São Paulo, S.P.: Centro de  
Estudos Rurais e Urbanos, 1992. ( p.42-59) Coleção Textos 3 -2ª série

DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. S.P. Atlas, 1987 (p.29-50)

DOWLING, Colette. **O Complexo da Loba: uma redefinição da juventude**.  
trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. 333p

EHRHARDT, Ute. **Meninas Boazinhas Vão Para O Céu. As Más Vão À  
Luta**. trad. Victor Schmid. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. 194p

- ERDMAN, **Cheri K. Nada a Perder**. trad. José A.Ceschin. São Paulo: Mercuro, 1996. 158p
- FARIA, **Mara** de Mello. **Mulheres de Meia-Idade: Sua Inserção Nos Serviços de Saúde**. São Paulo, 1995. 108p.(Dissertação, Mestrado em Saúde Pública)
- FONSECA, **Rosa M. Godói Serpa**. Espaço E Gênero Na Compreensão Do Processo Saúde-Doença Da Mulher Brasileira. In **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.5, nº 1, p.5-13, janeiro,1997
- FRANCHETTO, Bruna et.al. **Antropologia e Feminismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 99p.
- FREEDMAN, Rita. **Meu Corpo... Meu Espelho**. trad. Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. 303p.
- FRENCH, **Marilyn**. **A Guerra Contra As Mulheres**. trad. Maria Terezinha M. Cavallari. São Paulo: Nova Cultural,1992. 251p
- GALBRAITH,John K. **A Sociedade Justa - uma perspectiva humana**; trad. de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1996. 176p.
- GAIARSA, José A. **Respiração, Angústia e Renascimento**. 2ª. ed. São Paulo: Ícone, 1994. 362p.
- GUTIÉRREZ, Edda ( org.) **Mulher Na Menopausa-Declínio ou Renovação?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. 111p.
- HARDING, M. Esther. **Os Mistérios Da Mulher: antiga e contemporânea**. trad. Maria E. Barbosa. São Paulo: Paulinas, 1985. 310p.

- HIRSCH, **Sonia**. **Só Para Mulheres**: e homens que gostam muito das mulheres. Rio de Janeiro : Gráfica e Editora Prensa Ltda. 1994,189p.
- JANÉS, **Clara** e Fuente, Luz María. **Aprender A Envelhecer**. São Paulo: Quadrante, 1994. 53p
- KENSKI, **Vani M.** Memória E Prática Docente. In. BRANDÃO, Carlos R. **As Faces Da Memória**. Unicamp. Coleção Seminários C.M.U. v.2. (s.d.) 115p.
- KERGOAT, Danièle. Em Defesa De Uma Sociologia Das Relações Sociais. In. KARTCHEVSKY, Andréé et. al. **O Sexo Do Trabalho**. trad. Sueli T. Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. pp 79-93.
- KRAMER, **Sonia**. **Por Entre As Pedras**: Arma E Sonho Na Escola. São Paulo: Ática, 1993. 213p
- LEÃO, Emmanoel C. **Aprendendo A Pensar**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1977. 268 p.
- LEITE, Márcia & POSTHUMA, Anne C. **Reestruturação Produtiva e Qualificação: Reflexões Sobre A Experiência Brasileira**. 1996, mimeo
- LIMA, Lise Mary. ( org.) . **O Espírito Na Saúde**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997 134 p.
- LIMA JÚNIOR, José. **Corpoética** : cosquinhas filosóficas no umbigo da utopia. São Paulo: Paulinas, 1988. 131p

- LÖWY, Michael. **As Aventuras De Karl Marx Contra O Barão De Munchhausen**. 5ª ed. trad. Juarez Guimarães. São Paulo, Cortez, 1994  
219p
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa Em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1.986. 96p.
- LUNA, Sérgio V. O falso conflito entre tendências metodológicas. In: FAZENDA, I (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. SP.: Cortez, 1989 ( p.23-33)
- MANKOWITZ, Ann. **Menopausa : tempo de renascimento**. trad. Vera Reys. São Paulo, SP. : Paulinas, 1986. 147p.
- MARTINS DE SÁ, Jeanete L. **Dos fundamentos educacionais e epistemológicos à configuração do nível de totalidade de um currículo inovador**. - A unversidade da terceira idade -. Campinas, SP.: Pontificia Universidade Católica , 1996
- MELLO, Cristina. **Divisão Social do Trabalho e Enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1986. 94p.
- MINAYO, M. Cecília Souza. ( org. ) **Pesquisa Social : Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994 ( 3ª ed.) 80p.
- \_\_\_\_\_. **O Desafio Do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec- Abrasco, 1.996 (4ª ed.) 254p
- MOTTA, Flávia M. **Velha é a Vovozinha: Identidade Feminina na Velhice**. Santa Cruz do Sul, RS.: EDUNISC, 1998. 141p.

**MULHERES EM DADOS.** Boletim Informativo sobre a mulher paulista.  
**Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - Seade - São Paulo,**  
 S.P.: **janeiro**, 1998.

**MURARO, Rose Marie . A Mulher Na Construção Do Mundo Futuro.**  
 2ª.ed. **Petrópolis, RJ. : Vozes, 1966. 207p.**

\_\_\_\_\_. **A Mulher No Terceiro Milênio - Rio de Janeiro - 4ª ed. Record**  
**Rosa dos Tempos, 1995. 205p**

**NASCIMENTO, Enilda R. Gênero e Enfermagem.** Salvador,BA. Editora  
**Positiva, 1996. 100p**

**NERI, Anita L. Envelhecer Num País De Jovens: Significados de velho e**  
**velhice segundo brasileiros não idosos.** Campinas,S.P : Editora da  
**Unicamp, 1991.155p ( Série Teses)**

\_\_\_\_\_. ( org.) **Qualidade De Vida E Idade Madura.** Campinas,SP.:  
**Papirus, 1993. 285p**

\_\_\_\_\_. **Falando do Adulto.** In: **MANZOLLI, M.C. Viver Adulto**  
**E Enfermagem.** Brasília: Ed. Rumos, 1993. pp. 33/48

**NOVOTNY, Pamela. S.P.M. Síndrome Pré-Menstrual.** trad. Paulo Fróes.  
 Rio de Janeiro: Ediouro, 1994. 128p

**OLIVEIRA, Rosiska D. Elogio da Diferença: o feminino emergente.**3ª ed.  
 São Paulo: Brasiliense, 1993. 146 p

**PENNA, Lucy. O Corpo Sofrido E Mal-Amado.** São Paulo: Summus, 1989.  
 253p

- PISCITELLI, Adriana. O Que Aconteceria Se Os Homens Menstruassem? In: Coletânea dos trabalhos desenvolvidos no VII Encontro de Orientação Sexual - Secret.Municipal de Educação de Campinas
- QUEIROZ, M.Isaura P. O Pesquisador, o problema de pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In. LANG, Alice Beatriz da S.G. (org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica.** São Paulo: C.E.R.U. 1.992. 140 p.
- \_\_\_\_\_. **Relatos Orais: Do “Indizível” ao “Dizível”.** In: SIMSON, Olga M.Von. ( org.) **Experimentos Com Histórias De Vida.** São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Variações Sobre A Técnica De Gravador No Registro da Informação Viva.** São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983. ( Col.Textos,4) 2ª ed. 180 p.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré Ao Lar: A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209p
- RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos Pelo Reino de Deus.** trad. Paulo Froes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. 383 p.
- RODRIGUES, Carlos. , SOUZA, Herbert. **Ética e Cidadania.** São Paulo: Moderna,1994. 72p
- ROSEMBERG, Fúlvia. A Educação de Mulheres Jovens e Adultas no Brasil. In. SAFFIOTI, Heleith I.B. e MUÑHOZ-VARGAS, Monica ( org.). **Mulher Brasileira é Assim.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; NIPAS: Brasília,D.F; UNICEF, 1.994. 283p.

RUETHER, Rosemary. Pecado Dualizante. In. SCHERZBERG, Lúcia ( org.) **Pecado e Graça: na Teologia Feminista.** trad. Ilson Kayser. Petrópolis, RJ. : **Vozes**, 1996. 294p.

SAFFIOTI, Heleith I.B. **Do Artesanal ao Industrial:** A Exploração da mulher. São Paulo: Hucitec, 1981. 184p.

\_\_\_\_\_. **A Mulher na Sociedade de Classes:** Mito e Realidade. 2ª. ed. Petrópolis, RJ. Vozes: 1979. 384p.

SAFFIOTI, Heleith I.B., MUÑOZ-VARGAS, Monica. ( org.) . **Mulher Brasileira É Assim.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. 283p

SCHERZBERG, Lúcia. **Pecado E Graça Na Teologia Feminina.** trad. Ilson Kayser. Petrópolis,RJ: Vozes, 1996. 294p

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A Classe Operária Tem Dois Sexos.** São Paulo: Brasiliense, 1991, parte II ( pp.116-205)

STUDART, Heloneida R. **Mulher, Objeto de Cama e Mesa.** 14ª. ed. Petrópolis, RJ. : Vozes, 1974. 52p.

TAPIA, Carmen E. Villalobos. **O Aluno Trabalhador e a Enfermagem:** A conexão que falta. Campinas, SP.: Pontificia Universidade Católica, 1993. 136p.( Dissertação, Mestrado em Metodologia do Ensino Superior)

TOBEN, Bob e WOLF,Fred. Espaço- **Tempo e Além.** trad. Hernani G Andrade. São Paulo: Cultrix, 1982. 192p

TRIGO, M. Helena e BRIOSCHI. Interação e Comunicação no processo de pesquisa. In. LANG, Alice B.S.G. ( org)\_**Reflexões sobre a pesquisa Sociológica.** São Paulo: CERU, 1992. 140p

VIEZZER, Moerna. **Se Me Deixam Falar**. São Paulo: Editora Global, 1979

---

As ilustrações que antecedem os capítulos 1, 2, 3 e as Considerações Finais pertencem a Boticelli. Estão no quadro A Primavera (1477/78).

Os versos fazem parte da música *Cor de Rosa Choque*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho.

Na página 48 : O diagrama da Cura Celestial para mulheres aparece no Cãnon Taoísta.

Na página 88 : Garotinho com cetro, montado num elefante: bons presságios, realização dos seus desejos.

## Anexo 1

### Roteiro de entrevistas

nome:

endereço:

data de nascimento

profissão

situação conjugal

nº de filhos

há quanto tempo havia parado de estudar

1) eu gostaria que você me falasse à respeito da sua experiência com o 'voltar a estudar'

2) quais os fatores que influenciaram nessa decisão ?

3) como você se sentiu ao ver seu nome na lista das aprovadas no vestibular ?

4) quais mudanças você mencionaria como sendo importantes em relação a família, filhos, amigos, no trabalho depois desse ingresso na faculdade ?

5) meia-idade na universidade. Como está sendo a experiência com o aprendizado agora ?

6) antes da universidade quais outras atividades você exerceu ?

7) quais os planos para após a graduação ?

8) está velendo a pena ?

9) você deseja falar mais alguma coisa ?

## Memorial

Ao **selecionar** o que contar, eu me conto e me contando rearrumo meu passado, **articulo** o presente e, delícia insuperável, antevejo, pré-vejo meu futuro. É assim, numa **espécie** de transe psicográfico, onde meu próprio espírito se apropria de minha mão e **eu me** deixo levar ...

**Quando** nasci não houve nenhum fato extraordinário que devesse ser lembrado, a **não ser** o de eu ter sido: lindinha, forte, saudável e de olhos azuis ( Devo dizer, em **nome** da verdade que esses comentários foram feitos pela minha avó paterna, e **que a** partir deles nasceu entre nós uma amizade e um amor profundo que existe ainda **hoje**, apesar de la já ter morrido.) Como foram convidadas todas as fadas madrinhas e as bruxas de plantão também apareceram e foram recebidas, o castelo pôde viver **em paz**. Só era perturbada essa paz na época da declaração do imposto de renda, mas **esta é** outra história.

**Não** morei nunca num castelo, mas numa casa simples, com quintal onde pude brincar na **terra** e encardir as unhas, para desespero de minha mãe, que insistia em mantê-las **limpas**. Fiz casinhas de pedaços de bambus onde brincava de boneca, fiz bolinho de barro e joguei futebol com bola de meia com o Carlinhos, meu irmão caçula. **Aprendi** a fazer pipas olhando meu pai fazê-las. Verdade que eu as fazia de jornais velhos e cola de farinha de trigo, pois o papel de seda colorido era só para os meninos. Mas não me importava nem um pouco com isso. Eu voava com elas no corredor **de casa** e, quando elas subiam, eu ia junto sem medo; acho que era porque eu mesma as tinha feito.

Depois **desse** vôo de pipas de jornal e grude de farinha, estranho o modo pelo qual essas **lembranças** vão chegando e ponho-me a perguntar se seriam relevantes de serem escritas **num** memorial de qualificação de mestrado. Só há um jeito de saber - é ir até o fim .

**Chegando** no curso primário, (era assim que se dizia antigamente, opa, eu escrevi **antigamente** ih..! ih...! ), penso que ele marcou profundamente minha meninice. **Depois** de enxugar as louças do jantar, eu lia a cartilha do tatu ao invés de brincar de **roda, na** rua, com as outras crianças.

**Recordar** esses tempos de escola traz uma certa tristeza. Por que será ? Ainda me **lembro**: “Eu vejo um tatu. Tatu. ta- ta. ”

**Acontece** que, depois que li a minha primeira linha; e eu nunca tinha visto um tatu; fiquei **tão** familiarizada com ele e com os livros, que nunca mais larguei o segundo, **embora** tenha esquecido completamente do primeiro, contrariando tudo o que já se disse **a** respeito, de ser sempre o primeiro o inesquecível; talvez seja da natureza humana a ingratidão, uma vez que o tatu me prestou tão relevantes serviços...

A partir **daí**, ver e ler eram tão iguais que mais pareciam sinônimos - aquelas palavrinhas diferentes que querem dizer a mesma coisa - e eu vi e li tudo o que pude, sem nenhum **critério**. Ler e ver foram sendo associados ao saber, e eu via e lia o mundo.

Durante o curso científico ( hoje colegial ), vi professores sisudos na frente da sala de aula **ensinando** vocativo: “Menina ! Fique quieta.” Nunca fiquei. Quem sabe me modifiquei e com isso as (in)quietações ficaram sendo só minhas, para dentro.

Diferentemente dos que procuram respostas para suas questões, eu sempre procurei pelas **perguntas**. Essas, sim, poderiam me dar a oportunidade de experienciar as respostas que eu já trazia dentro de mim e que estranhamente precisavam delas, as perguntas... Semelhante ao “abre-te sésamo!”, que era a chave de acesso ao tesouro escondido na caverna, eu precisa da pergunta que desse acesso às minhas respostas.

Decorei a tabela periódica encerando a casa, resolvi logaritmos vendo novelas. Lembro-me das vésperas das sabatinas que, estranhamente, eram feitas em qualquer dia da semana, contrariando o significado inicial da palavra. É dessa época o meu apego às orações. Quanto estudar e rezar! Incontáveis promessas foram feitas durante as chamadas orais de inglês, professora “dura” ! Até hoje, não há quem me convença a comer um hot-dog .

Da escola guardei as lembranças da vida: a menina do “Normal” que quase teve um bebê sozinha no banheiro; a outra que operou o coração, pobrezinha, tão apaixonada e não correspondida, acho que não agüentou e ficou doente.; aquela festa surpresa da turma do 2º colegial, no meu aniversário... Desse tempo ainda tenho amigos queridos.

Fiz o curso superior aqui mesmo na minha cidade, Amparo, o que me possibilitou trabalhar durante o dia, já que a faculdade só funcionava à noite. E foi um professor de literatura que me mostrou o que eu queria fazer. Ensinar ! Entretanto....

Tragédia das tragédias ! Professora ganha(va) tão pouco. Alvorço na família. Não ! decidido estava que eu iria trabalhar na loja de móveis da família. Negócio bom e lucrativo, sem as dificuldades do lecionar. E lá fui eu . Porém, sem escola, emagreci... entristeci.

Um ano depois, volto à faculdade. Melhor deixarem eu ir. E eu fui e percorri o caminho traçado pelos outros para mim com solicitude e precisão, como sói acontece com as meninas boazinhas e bem-disciplinadas, aquelas que ganharão os céus...

Casei-me, tive tres filhos que já estão crescidos, e agora, depois de servir “a Labão” e ao fogão, estou aqui na Unicamp podendo me recontar.

Entretanto, entre esses dois pontos referenciais, o casamento e a Unicamp passaram-se mais de vinte anos... Ufa ! E dentro deles fiz de um tudo... Os filhos cresceram, às vezes parece-me que até rápido demais, e o marido e eu estamos juntos e preparamo-nos para um outro enfim sós ! Será possível ?! Pode apostar que sim ...

Aprendi a fazer acupuntura, shiatsu e cromoterapia, e também me tornei uma terapeuta floral. Eu ensinava e também aprendia, ao tocar o corpo das pessoas. E, outra vez, lá estava eu, aprendendo de novo com as coisas da vida e da morte.

Um belo dia, ou melhor, numa bela noite dormi bem e acordei mal. Motivo: precisava saber mais ! Havia um movimento imperioso dentro de mim que me obrigava a retornar aos livros e agora teria que ser de modo formal. Não bastava só trabalhar. Aqueles corpos me perguntavam sobre coisas que eu teria que buscar.

Entretanto, retornar à universidade naquela altura da vida mais parecia coisa de maluca, o que, em outras palavras, descrevia-me com precisão e rigor. Assim, depois de ter listado uma longa série de alternativas, optei por fazer um pós-graduação latu-senso em Psicopedagogia na Universidade São Francisco de Itatiba.

Daí para frente, o 'bichinho' da produção acadêmica me pegou de jeito. Gostei. Adorei. Enfrentei a seleção de mestrado, e pasmem oh!... da UNICAMP. Terror de gregos, troianos e amporenses. Agora, pasmem ainda mais oh!... oh!... passei. (Na noite que antecedeu a entrevista era tanta a ansiedade que nem consegui dormir. Fala baixo, coração !)

Depois vieram os primeiros contatos reais com a universidade. Como dificuldade primeira poderia nomear a disposição do prédio onde se encontra a FE. Depois, a necessidade de trabalhar com o computador da biblioteca, ai, que trabalhadeira infernal... eu jurava que nada me faria mudar do bom e velho rascunho à mão para os terríveis disquetes. Mudei de idéia. Fiz mais que isto.

Daí, a Maria Helena, que é a professora orientadora, ocupar um lugar especial nesta constelação ( ou seria uma conjuração ?) de eventos. Hoje, olhando para trás, até me admiro do caminho percorrido !

Não vendo outra saída a não ser cumprir o meu destino de aprender e ensinar, expus em breves linhas um pouco de tudo o que vivi. No entanto, algo sempre resta; é uma questão última, que não dá para ser explicada. É assim: a verdade nunca é alcançada, apenas pressentida.

“ O Criativo é o que há de mais forte no mundo. A expressão de sua natureza é invariavelmente o fácil, para assim poder dominar o que é perigoso. O Receptivo é o que há de mais abnegado no mundo. A expressão de sua natureza é invariavelmente o simples, para poder assim dominar os obstáculos.” ( I Ching - Livro das Mutações -)

Tchau, foi um prazer ! e ... melhoras para sua coluna...



**Por isso não provoque  
É cor de rosa choque ...**